

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

THIAGO BLAZISSA MARTINI

**A HISTÓRIA DA COBERTURA DA IMPRENSA NO FUTEBOL
DE JAÚ: A história contada através de leitura, pesquisas e
entrevistas**

**BAURU
2009**

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

THIAGO BLAZISSA MARTINI

**A HISTÓRIA DA COBERTURA DA IMPRENSA NO FUTEBOL
DE JAÚ: A história contada através de leitura, pesquisas e
entrevistas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicada como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Sandro Paveloski.

**BAURU
2009**

THIAGO BLAZISSA MARTINI

**A HISTÓRIA DA COBERTURA DA IMPRENSA NO FUTEBOL
DE JAÚ: A história contada através de leitura, pesquisas e entrevistas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Exatas e Sociais Aplicada como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Sandro Paveloski.

Banca examinadora:

Fernando de Moraes Franco Nunes

Roseane Andrelo

Alessandro Paveloski (orientador)

Local e data

AGRADECIMENTOS

A Roseane Andrelo, Sandro Paveloski e Fernando BH.

RESUMO

Mostrar a importância do futebol para a sociedade e sua trajetória desde a sua evolução junto da imprensa passo a passo, em Jaú e no Brasil. Contar como dirigentes de clubes trabalham no meio da imprensa e mostrar que Jaú é forte na cobertura de futebol revelando nomes como o locutor José Maia, da Rádio Bandeirantes. A história do clube também foi contada, pois ele é o personagem principal. Sem o XV de Jaú, a imprensa esportiva não seria o que é e vice-versa. Por último mostrar que pode ser saudável uma pessoa trabalhar em Rádio e no clube, apesar dos manuais de boa conduta jornalísticos dizerem que não é.

Palavras-chave: Imprensa – Torcida - Clube

OBJETIVOS

Objetivos Gerais

- Contar a história da imprensa nacional, paulista e do interior resumidamente
- Mostrar os bastidores e curiosidades do meio impresso, televisivo e radiofônico.
- Mostrar tudo o que há por trás desse jogo de interesses
- Contar a história e bastidores da cobertura da imprensa no futebol de Jaú

Objetivos Específicos

- Mostrar como funciona uma cobertura de televisão, rádio e jornal.
- Saber o que pensam os dirigentes a respeito da imprensa e vice-versa.
- Qual o papel do torcedor e o que ele pensa?
- Jornalistas experientes falam da chegada dos novos profissionais.
- Mostrar por que o XV merece tanta cobertura.
- Contar as curiosidades dentro dos 3 setores: torcida, imprensa e clube.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. O FUTEBOL NO BRASIL E EM JAÚ	10
1.1 A chegada do futebol no Brasil e a divulgação dos primeiros jogos na imprensa	10
1.2 Os primeiros times da cidade de Jaú.....	14
1.3 Uma breve história do XV de Jaú.....	14
1.3.1 O Estádio Arthur Simões.....	17
1.3.2 Arthur Simões.....	18
1.3.3 Comentário de Vanthier Mantovaneli.....	18
2. A IMPRENSA E O FUTEBOL	20
2.1 Os primeiros jornais a driblarem o preconceito para falar do Esporte.....	20
2.2 O início do jornalismo esportivo e um pouco de Mário Filho e Nelson Rodrigues.....	21
2.3 Jornalismo x dinheiro envolvem famosos da imprensa esportiva.....	23
2.4 O que é jornalismo esportivo? Conceitos de especialistas no assunto.....	30
2.5 Rádio Jauense: a pioneira nas transmissões.....	32
2.6 Rádios Piratininga, Tropical FM e Rádio Cidade de Jaú nas transmissões do futebol.....	33
2.6.1 Rádio jauense 820 AM.....	33
2.6.2 Rádio Piratininga AM 10,70.....	34
2.6.3 Rádio Tropical FM.....	34
2.6.4 Rádio Cidade de Jaú 87.9 FM.....	35
2.6.5 Alguns locutores.....	35
3. DEPOIMENTOS	36
3.1 José Maia: o locutor jauense que tem sua rádio e trabalha há 14 anos na Rádio Bandeirantes de São Paulo.....	36
3.3 Chiquinho Capobianco: o homem forte do futebol amador em Jaú.....	38
3.4 Vanthier Mantovaneli, a história viva da imprensa da cidade, destaca os fundamentos do bom jornalismo para o interior.....	39
3.5 Sergio de Souza Gomes conta tudo sobre o futebol da cidade.....	40
3.6 Por que o XV de Jaú não tem cobertura diária via internet?.....	43
3.7 Comércio do Jahu: o jornal impresso que dita o dia-a-dia do futebol da cidade.....	44
3.8 José Otávio Bola: “o professor da matéria”.....	45
3.9 Norival Sândi; Radialista de Bauru apaixonado pelo Galo da Comarca.....	50
3.10 Edson Rocha fala como funciona a transmissão da tv nos jogos do XV.....	52
3.11 Beto Giglio ti: vice-presidente e radialista.....	53
MEU PONTO DE VISTA SOBRE O JORNALISMO ESPORTIVO EM JAÚ	55
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Contar a história da cobertura do futebol da cidade de Jaú sem manter o foco no XV de Jaú seria um erro brutal. Para tanto, devemos citar vários meios de comunicação da cidade. São 2 jornais (um diário e um semanal), 2 canais de televisão, mais a TV Tem e 4 rádios que cobrem o dia-a-dia do XV. A Rádio Jauense, com exclusividade, transmite o futebol amador da cidade, além do profissional, na sua programação.

O objetivo desse trabalho é contar a história das rádios e jornais de Jaú, do futebol da cidade e mostrar o cotidiano da imprensa.

A cobertura histórica nacional - uma breve cobertura - será feita através da história na leitura de livros de jornalistas consagrados como: Paulo Vinicius Coelho, Armando Nogueira, Sílvio Luiz, André Ribeiro entre outros. Em alguns momentos com depoimentos¹ de alguns sobre a imprensa. Já a de Jaú através de entrevistas e pesquisas sobre os veículos de comunicação locais.

Nas obras percebemos o quanto é importante a presença da imprensa no desenvolvimento do futebol em termos de marketing, divulgação do espetáculo e aceitação do público.

Além desses ingredientes temos as particularidades. Um locutor que reside em Bauru, mas transmite jogos em Jaú e é torcedor do Galo da Comarca; um de Barra Bonita que transmitiu um jogo no Zezinho Magalhães na inauguração da iluminação do estádio; e brigas devido a vaidades e outros fatos pitorescos serão citados dentro deste projeto que revela o que há por trás desse jogo de interesse que existe entre imprensa, torcida, patrocínio e jogadores de futebol.

Por último, entrevistas exclusivas com um locutor que tem 57 anos de profissão e ainda exerce como comentarista em uma rádio. Vanthier Mantovanelli é uma lenda viva da imprensa e contará todo sobre esse envolvimento dele com os profissionais da bola e do microfone. Em Jaú existem nomes consagrados na imprensa nacional como o de José Maia, locutor da Rádio Bandeirantes de São Paulo, que é dono de uma rádio na cidade e fala como é a visão do pessoal de São Paulo para os do interior e a opinião sobre o futuro do XV de Jaú nos dias de hoje. Maia comenta sobre sua trajetória até chegar na Rádio da capital. Ele está na

¹ Os depoimentos foram transcritos entre aspas duplas

Bandeirantes desde 1994, mas também, quando sobra tempo, transmite jogos em Jaú. Também entrevistaremos diretores de futebol do XV de Jaú.

1. O FUTEBOL NO BRASIL E EM JAUÍ

1.1 A chegada do futebol no Brasil e a divulgação dos primeiros jogos na imprensa

Arthur Revache, um dos fundadores do Germânia, afirma que o futebol já era praticado no colégio Jesuíta São Luis, em Itu, onde estudou (RIBEIRO, 2006, p. 2219), mas quem impulsionou e o vivenciou com intensidade o esporte na Inglaterra durante 10 anos foi Charles Miller, considerado o pai do esporte mais popular do país.

Miller retornou ao Brasil em 1894, com duas bolas da marca Shoot, um par de chuteira e um livro de regras. Logo se associou a um clube chamado SPAC para praticar o esporte e ficou espantado com a pouca divulgação. Na Inglaterra já tinham ligas e textos em jornais falando dos jogos. Os jornais brasileiros falavam de turfe, críquete, remo e ciclismo, o último praticado pela elite.

Passou a organizar treinos do time da empresa onde trabalha o São Paulo Railway, a Companhia do Gás e Lodom Bank. O jornalista Celso de Araújo estava no local e descobriu por acaso o esporte e soltou a frase para o Alcino Guanabara, amigo jornalista do Rio de Janeiro:

Lá pelos lados da Luz, do Bom Retiro, britânicos, maníacos como eles só, punham-se de vez em quando, a dar pontapés numa coisa parecida com bexiga de boi, dando-lhes grande satisfação e pesar, quando essa espécie de bexiga amarelada entrava num retângulo formado por paus. (RIBEIRO, 2006, p. 201).

Cinco meses depois da sua chegada, Miller organizou o primeiro jogo de futebol oficial entre São Paulo Railway x Gas Work Team. Não teve ninguém da imprensa no local. Seis anos mais tarde, a cidade de São Paulo contava com cinco equipes: SPAC, Paulistano, Germânia, Internacional, Mackenzie e Paulistano, este último organizado no final de 1900, que teve o estudante de Direito e jornalista do Estado de São Paulo, Mário Cardim, como um de seus fundadores e praticantes. Cardim viria ser amigo de Miller e passava a divulgar o esporte anos mais tarde. (RIBEIRO, 2006, p. 303, 4,5)

O grupo que se reunia nos bairros luxuosos para discutir sobre futebol era formado por Miller, Cardim, Renê Vanorden (diretor do colégio Mackenzie), Hans

Nobiling, imigrante alemão, fundador do Internacional que passou a ser chamado de Germânia, Antonio Prado Filho, filho do prefeito de São Paulo, Arthur Revache, um dos fundadores do Gerrmânia Amtonio Costa Filho, que disputou ligas na Suíça e trouxe as regras para a liga que se usam lá no futebol. (RIBEIRO, 2006, p.21 1)

Tais personagens contribuíram demais para a evolução do esporte: Costa inventou a cobrança por ingressos para afastar a classe baixa e manter as ligas e clubes por eles criados. A cobrança inicial foi de 2 mil réis (50% para os clubes e a outra metade para as ligas). (RIBEIRO, 2006, p. 22 5)

A cidade de São Paulo crescia, estava cheio de imigrantes, 250 mil habitantes o futebol não era bem visto nos jornais para a divulgação da Liga proposta por Cardim. Promoveram um jogo entre cariocas e paulistas, queriam a mídia junto, mas Miller levou um não dos jornalistas e Cardim foi o único a escrever sobre a partida no Estado de São Paulo, onde trabalhava.

Falou da qualidade dos jogadores cariocas e da surpresa em ver que eram formados em sua maioria por brasileiros. O jogo foi realizado dia 18 de outubro de 1901, no campo do SPAC. (RIBEIRO, 2006, p. 24 2)

Outro problema para a divulgação é que os jornalistas não estavam preparados para escreverem sobre o assunto. Os jornais tinham 5 páginas e o texto-futebol teria que ser objetivo, sem contar a história do jogo. (RIBEIRO, 2006, p. 25 3)

Em 3 de maio, de 1902, aconteceu o primeiro jogo do Campeonato Paulista, no estádio do Parque Antártica, que terminou com o placar de Mackenzie 2 x 1 Germânia. (RIBEIRO, 2006, p. 25 5)

Os jogos eram disputados em outros dois estádios: no Velódromo (do Paulistano) e no campo do SPAC. Fora Gardim outros cronistas esportivos não eram experts no assunto. O jornalista José Carvalho, do pequeno semanário O Combate, é prova disso, cobria turfe e foi convocado para um jogo do paulista e o produziu com o seguinte texto:

No prado do Velódromo competiram, ontem, dois puro-sangues: Paulistano e Mackenzie. Ambos galoparam bem, demonstrando estar nas pontas dos cascos. Chegaram juntos, porque cada um deles fez o focinho, a bola, entrar uma vez ao disco com rede. Não foi fornecido o resultado do rateio. Serviram-se, ao final bebidas e salgadinhos. (RIBEIRO, 2006, p. 26 3)

A preocupação dos jornais não era com o jogo em si, mais com os benefícios e prejuízos que o novo esporte pode proporcionar ao povo. Nem os fotógrafos tinham o compromisso de registrar o jogo dentro de campo, a preocupação era mais com o vestuário do povo de elite. “O tema futebol servia como manobra para os cronistas imporem sua visão ideal da sociedade e expor o antagonismo entre as equipes. O pobre, o rico, o colonizador e o colonizado”. (RIBEIRO, 2006, p. 27 2)

O Rio de Janeiro que começou só com duas equipes o Paysandu Cricket Club e o Rio Cricket and Athletic Association fundava o Fluminense, e lá o futebol já estava muito divulgado como em São Paulo. Futebol que no país era dividido em dois blocos: os filhos de boa família, que eram os importados da Europa e os varzeanos humildes considerados brutos, incapazes de seguirem as regras de conduta, chamados de canelas grossas e ridicularizados pela imprensa. (RIBEIRO, 2006, p. 27 3)

Em 1902 foi realizado o primeiro Campeonato paulista de Futebol. A final foi entre SPAC e Paulistano. Charles Miler marcou dois gols e o Paulistano venceu por 2 a 1. Cardim, torcedor do SPAC desmereceu um pouco a vitória e o jornalismo já se mostrava imparcial desde aquela época. (RIBEIRO, 2006, p. 28 4, 5,6)

O jornalismo esportivo enfrentava ainda dificuldades, dos editores chefes que não davam espaço suficiente e dos profissionais que tinham imensa dificuldade em escrever lance a lance os jornais. Cardim reinava absoluto como o melhor cronista esportivo enquanto isso o futebol evoluía a todo vapor nos campos de várzea e nas arquibancadas, mas os jornais diziam em tom irônico que o campo enchia de povo desmerecendo quem apreciava. O jornalista não ia a campo e no Rio de Janeiro, os sócios dos clubes que passavam as novidades para os jornais. (RIBEIRO, 2006, p. 29 2, 3, 6)

Cardim era muito inteligente e juntava biografia de jogadores, tabelas de jogos, descrevia as jogadas e tinha muita noção sobre o novo esporte, serviços de atendimento ao torcedor e fez desta matéria o primeiro livro escrito sobre o esporte no país. Era o Guia de Football, que serviu como um manual para seus colegas de imprensa e foi um sucesso de venda. (RIBEIRO, 2006, p. 30 1; 31 1 e 2)

No Rio de Janeiro, o jornal A Gazeta dos Sports abre mais espaço pro futebol e em 1906 é disputado o primeiro campeonato carioca com Fluminense, Bangu, Botafogo Paysandu, Rio Cricket e Athletic. Por puro preconceito e tentando fazer o futebol esporte exclusivo só para a elite, a Liga Metropolitana (Organizadora do

Campeonato) proibiu a presença de negros nas competições. (RIBEIRO, 2006, p.130 4; 131 4, 5; 32 2 6)

No ano de 1907 Cardim vira chefe de reportagem da equipe de esportes do Estadão e na época houve dois problemas: jogadores insatisfeitos no Paulistano criaram seu próprio clube a Associação atlética Palmeiras e o time do Americano alguns empresários se infiltraram e pagaram os atletas para ganhar jogos. O futebol amador sonhando por Charles Miiler e Cardim perdia sua identidade e o Americano ganhava títulos e vices campeonatos. Miiler queria que Cardim denunciasse, mas o jornalista não o fez e escondeu de Miiler da onde chegava a grana. O jornal a Tribuna através de pessoas financiavam os empresários. Naquela época o futebol ganhava espírito competitivo e todos pensavam em vencer para ganhar fama. O Estadão distribuía 35 exemplares por dia nesta época. (RIBEIRO, 2006, p. 33 3, 5, 6; p. 34 2)

No mesmo ano, o futebol já estava nas páginas de fofocas na Revista Sportiva e Jornal Brazil Sportiva que revelava a vida do jogador e seus momentos com mulheres fora dos gramados. Nesta época, Osmar Cox trazia a seleção Argentina para fazer 3 jogos no Rio e 3 em São Paulo. Os Argentinos não perderam nenhum e o máximo que os brasileiros conseguiram foi um empate. Nada que tirasse a motivação de jornalistas como Paulo Barreto, que fez a Gazeta dos Sports do Rio noticiar pela primeira vez no jornalismo do país uma notícia de futebol na capa de um jornal com a frase: “Apesar das derrotas, com organização e disciplina, nos tornaremos imbatíveis”. (RIBEIRO, 2006, p.35 2 e 4)

O futebol, antes de 2010 já ganhava páginas policiais e envolvia um atleta de 22 anos do Botafogo com um escritor famoso da nossa literatura: Euclides da Cunha que foi assassinado. O escritor descobriu que o irmão do jogador, Dilermando tinha um caso com sua esposa, foi á casa tentar matá-lo e acabou morto, mas acertou um tiro no jogador Dinorah, que ficou paraplégico, largou o futebol e anos mais tarde se matou. (RIBEIRO, 2006, p. 36 3 e 4)

Oscar Cox conseguia outro feito e trouxe um time chamado Corinthians para o Brasil. Miiler ficará triste por não ter conseguido tal façanha e a esta altura estava abandonado o futebol com 36 anos. Cardim, também deixava o esporte e Américo Netto assumiria seu lugar no jornal. A imprensa esportiva garças a Miiler e Cardim estava no auge, no momento em que o Corinthians que chegava com um timaço

surgia e os dois heróis se despediam, mas conquistando seus objetivos que era dar um lugar ao futebol na imprensa nacional. (RIBEIRO, 2006, p.36 1, 5 e 6)

1.2 Os primeiros times da cidade de Jaú²

O futebol começou a ser praticado em Jaú de forma amadora três anos antes da existência do XV de Jaú, em 1921 e o time se chamava Democrata Atlético Clube, ficava na Rua 7 de setembro e contava com jogadores da cidade e da região.

A arquibancada do estádio tinha 15 metros de extensão e 44 de altura. O Democrata jogava contra times da região e de cidades como: Dois córregos, Bocaina. O campo lotava, mas não dava renda suficiente para manter a agremiação.

Devido à crise financeira, um coronel assumiu para que a equipe não falisse e deu o nome de Juvenil Esportivo, pela quantidade de jovens que atuavam.

Foram dois anos de batalhas e no ano de 1923 o clube fechou as portas. No estádio foram colocadas tábuas no gramado. A cidade ficava órfã do futebol.

Os atletas não paravam e treinavam por lazer no Jaú Clube, em frente onde é hoje a Santa Casa. Era o campo do Jaú Futebol Clube. Outro aventureiro, Chafic Buchara, pegou o time e o assumiu para disputa de campeonatos. Chegou a ser chamado de Botafogo e ficou como Esporte Clube Círio. O elenco era bom, mas novamente o problema financeiro viria afetar o futebol da cidade.

A dificuldade era tamanha que faltavam bolas. O muro era baixo, e quando chutada ela caía na casa de um toscano que a furava, ao invés de devolver.

Chafiqui não aguentou e fechou as portas, restavam 40 “dinheiros” que seria o real de hoje. Chafiqui, apesar de seu pai tentar salvar o clube usou a grana para si próprio depois que não existia mais o time.

1.3 Uma breve história do XV de Jaú³

² Para compor essa seção foram utilizadas informações concedidas por Kleber Maziero, filho de Laerte Maziero e Sérgio de Souza Gomes (historiadores e amantes do futebol).

³ Nessa seção foram utilizados os depoimentos de Vanthier Mantovaneli, Irineu Stripari, ex – presidente, Sérgio de Souza Gomes e José Otávio Bola

Em outubro de 1924, os coronéis da cidade e homens amantes do futebol foram pro bar São Pedro e fundaram o XV de Jaú. Ficava a dúvida se o mesmo não iria acontecer, de fechar as portas.

Erminio Capobiano era o mais empolgado e sugeria no momento a cor verde e amarela na camisa. Precisamente, a camisa verde a gola amarela.

Barufi, Aldo machado, Pasqualao Tiri e Busnardo João Gostoso Domicio Does Ando e Jair foram os primeiros jogadores que brilharam e ficaram invictos em Jaú de 1825 a 1943. João Gostoso fez história em 414 jogos fez 235 gols.

Devido a tal performance, em 1931, o XV ganha o apelido de Galo da Comarca e passaria a ganhar um estádio anos mais tarde coma grande contribuição de Roque Martino, engenheiro construtor que era casado com uma cantora famosa da cidade e arrecadava dinheiro com quermesses e construiu para o XV o estádio Arthur Simões que ficou pronto em 1935.

Em 1948, começava o futebol profissional para os jauenses, foi necessária a ampliação do estádio que comportava arquibancadas de madeira.

Estrelas do futebol mundial como Dino Sani, na época com 19 anos, foram jogadores que ajudaram o clube a ganhar status nacional. Junto dele, foram emprestados cinco jogadores vindos do Palmeiras: Lourenço, Rui Grita, Itamar, Gérson, Rui e Clóvis.

O doutor Zezinho Magalhães, que ganhou nome de estádio, conseguiu com que o XV disputasse a primeira divisão do estado em 1952,

No mesmo ano e em 1954 fez a melhor campanha dos times do interior paulista. Os jogadores Inocêncio, Japonês e Aracito eram jogadores destaques na campanha. O Corinthians na época perdeu por 3 a 1 e não conseguiu comemorar o título em Jaú, mas conquistou o estadual graças a derrota do São Paulo para a Portuguesa.

A primeira dificuldade com questões financeiras aconteceu em 1958, quando o XV brigou para não cair pra segunda divisão. O déficit era tanto que o Galo pagava alguns de seus jogadores com sacos de açúcar, dentre eles Afonsinho.

Em 1959 foi rebaixado, mas ganhou de Santos e Palmeiras durante o torneio. Zezinho da Chiquita e Japonês se destacaram contra Santos, onde Japonês anulou Pelé.

Em 65 o Galo da Comarca não subiu por questões da arbitragem, segundo o locutor Valtier Manotovanelli, contra o Bragantino disputado no Artur Simões

terminou no quebra pau e o juiz hospitalizado porque apanhou em anular o gol do XV no ultimo minuto de 0 a 0.

O motivo pode ser porque o XV estava devendo pro sistema previdenciário pra FPF pros jogadores e o locutor Laerte Maziero aceitou o desafio pra não deixar mais um time de Jaú fechar as portas. E em 1967, o XV pediu licença pra não jogar e desmontou o estádio Artur Simões. Para construir outro estádio em sua volta ao futebol, acertou parte do seu debito com o montante arrecadado com o loteamento e transferiu sua sede

A construção do estádio começou em 1971 e foi contratado o arquiteto Vila Nova Artigas que construiu a rodoviária de Jaú o atual campo era um terreno que se encontrava um cafezal terra vermelha

Em 1973, o radialista, Mosqueta trazia os grandes clubes para enfrentar o Galo foi uma forma de recolocar o XV no cenário nacional. Deu resultado, em 1976 a equipe subiu e foi campeão do primeiro turno.

O radialista Laerte Maziero tinha um programa chamado Transa Geral, na Rádio Piratininga, e o Valtier era outro forte nome que estava na rádio Jauense. Laerte mais que Valtier contagiava o público para lotar o Zezinho Magalhães.

Um dado histórico na história do futebol foi do jogador Afonsinho, o primeiro atleta a ganhar o passe livre, não existia a Lei Pelé

Em 1976, chegaram Nei Conceição e Fernando Pirulito jogadores trazidos por Afonsinho. Com esse time, os jauenses ganharam do Corinthians por 3 a 0, na invasão corintiana com 8 mil, Afonso já tinha ido embora Um canal de TV interno na rodoviária de Jaú Olavo e Estevam Soares foram ao programa.

Afonso saiu forçado só pra ajudar o clube financeiramente que tinha que pagar dívidas.

Nos anos de 79, 81 e 82 ficou entre os 4 melhores paulistas do interior, chegou a disputar os campeonatos brasileiros de 1979 e 1982 era time ofensivo Carlos, Alfinete, Eugenio, Luis Carlos e Cidinho, Célio, Cardinho, Carlos Silva, Geraldo, Niveu e Aroni eram os jogadores base.

Os únicos momentos bons na década de 90 foram em 1995, onde conseguiu o acesso para primeira divisão e depois caiu em 1996, e em 1990, quando por um ponto não classificou para a Copa do Brasil. Laerte Maziero já vislumbrava o Galo jogando no Japão, tamanho era seu fanatismo.

Na mesma década revelou jogadores como Edmilson, campeão Mundial de 2002, que está no Palmeiras, França e Edu que tiveram belas passagens pelo São Paulo. Vágner Ribeiro chegou e levou França de Jaú, praticamente de graça.

Daí em diante, a crise dentro do campo e fora imperam e a atual situação é uma Série A3 do paulista. Para os locutores da cidade, a Lei Pelé acabou com o futebol do interior e os regulamentos dão preferência aos times grandes Mas o consenso é geral quando falam que faltam parceiros e que sem grana, a coisa não flui no futebol.

1.3.1 O Estádio Arthur Simões

Localizado aonde hoje existe a Vila XV, com casas de arquitetura moderna, alegrando um dos bairros mais famosos de Jaú, no passado estava localizado o Estádio Arthur Simões.

Por assim dizer, era apenas um campo, que sugava um aluguel pesado aos cofres do clube, e que recebia reajustes muitas vezes injustos, para o desespero da diretoria.

Imbuídos de um sentido nobre e honrado, liderando a idéia para a solução do problema constante do aluguel, dois cidadãos jauenses, acima de qualquer sacrifício, arregaçaram as mangas, e entraram numa luta árdua para o levantamento de recursos em prol da compra do campo para o XV.

João Batista Moreno desenvolveu planos para a empreitada, e procurou o apoio imediatamente encontrado em outro jauense de nobres princípios, Ricardo Bagaiolo.

Iriam seguir o mesmo ideal: o XV de Novembro teria seu próprio campo. Com a aprovação da diretoria do clube, convocaram uma grande reunião de sócios. Dessa reunião, surgiu uma comissão encarregada e dedicada que recebeu o nome de “Comissão pró compra do campo do XV de Novembro”. Na eleição dos cargos, ficou distribuída a diretoria da Comissão: Presidente João Batista Moreno, Vice-presidente: Ricardo Bagaiolo, 1º Tesoureiro: Oscar Cordeiro Piconês, 2º Tesoureiro: José Contador Junior, e auxiliar imediato: Edmur Rossi. Iniciaram os trabalhos com o Livro de Ouro, que obteve centenas de assinaturas, e doações significativas. As

famílias mais abastadas fizeram doações de vulto, e salientando, significativas foram as doações da família de João Batista Moreno e de Ricardo Bagaiolo.

Depois de meses de trabalho incansável e contínuo, em uma das reuniões da Comissão para o balanço das finanças, foi com grande alegria e emoção recebidas as palavras do secretário: Afirmando sem sombra de dúvidas que o Esporte Clube XV de Jaú, já possui as condições suficientes para a compra do campo. E, falando em nome dos associados, que previamente o haviam incumbido para isso, propôs que o nome do campo se dominasse Estádio Arthur Simões, em homenagem ao grande vulto do esporte jauense, já desaparecido deste mundo, mas sempre presente na lembrança e no coração dos quinquenários.

João Moreno e Ricardo Bagaiolo, emocionados, não encontraram palavras para endossarem idéia tão nobre.

Após alguns momentos de silêncio, enternecidos agradeceram a idéia para a dominação do estádio, e enternecidos agradeceram a idéia para a denominação do estádio e entre lágrimas e sorrisos, abraços e felicitações, nascia o Estádio Arthur Simões, de sacrifício e luta de homens movidos pelo mesmo ideal, para a glória do ESPORTE CLUBE XV DE NOVEMBRO DE JAÚ.

1.3.2 Arthur Simões

Arthur foi um dos maiores apaixonados e entusiastas colaboradores do XV de Jaú.

Dedicava-se ao esporte, de maneira assustadora, sempre zelando pelo bom andamento das finanças do clube. Foi muito conhecida sua frase “Enquanto Arthur Simões viver, o XV não morrerá.” Quando o “caixa” do clube se esgotava, e isso acontecia uma vez por semana, Arthur vinha logo “abastecê-lo”.

Tanto faz pelo clube, que a comissão pró Compra do estádio, foi apoiada por unanimidade pelos sócios e por toda Jaú, na idéia em denominar o campo do XV, de ESTÁDIO ARTHUR SIMÕES.

1.3.3 Comentário de Vanthier Mantovaneli

“Tudo começou com a chegada de Cilinho. Até então um plantel que estava sendo formado com muitas contratações e algumas dispensas, não conseguia apresentar um rendimento uniforme e catalogar as vitórias que a torcida e os dirigentes esperavam. Com pouco tempo de trabalho, mas com sua personalidade marcante, sempre acreditando em jovens valores, o experiente treinador conseguiu armar uma equipe completamente diferente daquela que o torcedor estava acostumado a ver em ação, e os frutos começam a ser colhidos. Hoje a massa torcedora comparece ao estádio e sabe que verá em ação uma equipe com padrão de jogo, procurando sempre o gol e perseguindo a vitória, não se intimidando com o nome ou cartel de apresentação do adversário. A cada partida uma nova emoção toma conta do torcedor do XV. A alegria voltou a reinar lá pelos lados do estádio Zezinho Magalhães, e mesmo nos dias de treinamentos é muito grande a presença de público. O trabalho é sério, honesto, firme e forte desse componente técnico que veio dar a segurança e tranqüilidade que os dirigentes esperavam e que a torcida queria. Hoje, isso que é feito aqui em Jaú, serve como exemplo para os homens que dirigem o futebol brasileiro, pois somente com o apoio que precisa e deve ser dado a profissional do gabarito de Cilinho, e que poderemos salvar o nosso tão decantado esporte das multidões. A renovação de valores é uma tônica constante em todas as atividades humana e no futebol não poderia ser diferente, e isso é encarado com muita seriedade e inteligência por parte do técnico jauense. Seu trabalho deveria ser olhado como parâmetro dentro da recuperação do nosso futebol; dirigentes dos nossos grandes clubes deveriam agir da mesma forma para que pudéssemos em curto espaço de tempo de recuperar o prestígio do nosso abalado futebol brasileiro. O XV aí está a demonstrar que esse é o caminho certo, pois hoje o quadro jauense consegue com a mescla de jovens valores lançados pelo Cilinho somar os preciosos pontos que estão dando uma posição invejável para uma equipe do interior dentro do certame maior de São Paulo. Tudo é alegria e emoção em cada nova partida. A massa torcedora voltou ao estádio, as bandeiras tremulam novamente e o Galo canta cada vez mais alto, com o Flávio, Carlos Roberto, Níveo, Luiz Carlos, Noronha, Ricardo, Aroni, Geraldo, Da Silva, Fausto, Juarez e outros mais, dando uma demonstração de que com quem conhece e tem arrojo a coisa fica mais fácil. A respeito do assunto você poderá pensar o contrário, mas esse é o meu ponto de vista”.

2. A IMPRENSA E O FUTEBOL

2.1 Os primeiros jornais a driblarem o preconceito para falar do esporte

O jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com o O ATLETA, passando receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Pouco depois em 1885 circularam o Sport e o Sportsman. Em 1891, surgiu em São Paulo a Platea Sportiva, um suplemento de A Platea, criado em 1888.

Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista O Sport e o jornal Gazeta Sportiva (que não tem nada haver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade, apenas notícias de turfe, regata e ciclismo. (RIBEIRO, 2006, p.26 6)

Os grandes jornais da época eram o Estado de São Paulo, Correio Paulistano e A Platea; no Rio de Janeiro Jornal do Commercio, o Paiz, Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil e Correio da Manhã. Começavam surgir também as grandes revistas como a Revista da Semana, criada em maio de 1901 como suplemento do Jornal do Brasil e que chegou a vender 50 mil exemplares por dia. Um ano depois ganhou a concorrência de O Malha e, logo a seguir, da revista Kosmos. Futebol nesse espaço nobre, muito pouco, quase nada. Havia também a Semana Sportiva, no Rio de Janeiro, e, em São Paulo, A Vida Sportiva, que sucedia o Sportsman. (RIBEIRO, 2006, p.27 1)

No início do século xx Gracilamo Ramos que foi 1º palpiteiro de plantão afirmou que o futebol dos ingleses não ia vingar aqui. O escritor ele não era contra o futebol, mas dizia que o que vinha de fora não pegava aqui no Brasil tão fácil João Saldanha no final dos anos 60 também errou ao falar que a revista Placar não emplacaria. Pouca gente acreditava que o futebol estamparia as primeiras páginas em jornais e nem o remo que era o esporte mais popular, deveriam dar lugar a política.

Na década de 1910 havia páginas de divulgação esportiva no jornal Fanfulha voltados para os italianos, mas não era exclusivo para elite somente, mas sim, para o povo geral.

Em uma das edições tinha o aviso FUNDAR UM CLUBE DE FUTEBOL, EIS SURGE O PALESTRA ITALIA e o jornal divulga nas páginas de esporte a guerra travada com são paulinos que queriam toma o estádio Palestra Itália a força. Era o assunto das poucas paginas de esporte o jornal é a grande fonte de informação do clube dos italianos arquivos do palmeiras trazia relatos de paginas inteiras no tempo q os jornais de esportes não atraíam multidões e informava a ficha de todos os jogos do time dos italianos, informava até de time aspirante contra os segundos quadros de equipes do interior. Graças ao jornal temos relatos do velho palestra e seu primeiro jogo registraram a primeira cesta, mas não clubes como flamengo as, tos flamengo surgiu em 1911 para o futebol 16 anos antes pro remo no inicio do século xx o RJ era o jornal q mais cobria futebol nos anos 30 surge o jornal dos Sport que cobria os esportes no país de modo exclusivo. Roberto Petri lançou seu jornal diário, não durou e depois trabalhou nas rádios difusora gazeta e Banderantes e esta na ESPN Brasil comentando futebol argentino. No final dos anos 60 os esportes tomaram conta dos esportes com grandes cadernos surge caderno dos esportes que originou o Jornal da Tarde Rio de Janeiro e São Paulo se desfizeram de cadernos dos jornais no final dos anos 70. (COELHO, 2003, p.10)

2.2 O início do jornalismo esportivo e um pouco de Mário Filho e Nelson Rodrigues

Na década de 1910 havia pagina de divulgação esportiva no jornal Fanfulha voltado para os italianos e não era para elite somente, mas pro povo gral.

A guerra travada com são paulinos que queriam toma o Palestra Itália à força. Era o assunto das poucas paginas de esporte o jornal é a grande fonte de informação do clube dos italianos arquivos do Palmeiras trazia relatos de paginas interas no tempo que os jornais de esportes não atraíam multidões e informavam somente a ficha de todos os jogos do time dos italianos, até de time aspirante contra os segundos quadros de equipes do interior. Graças ao jornal temos relatos do velho palestra e seu primeiro jogo que registraram muitos momentos no esporte.

No inicio do século xx o Rio era o estado que mais cobria futebol. Nos anos 1930 surge o jornal dos Sports que cobria os esportes no país de modo exclusivo Roberto Petri lançou seu jornal diário, não durou e depois trabalhou nas rádios

difusora gazeta e Bandeirantes e foi para ESPN Brasil comentar futebol argentino. No final dos anos 60, os esportes tomaram conta dos jornais com grandes cadernos. Surge caderno dos esportes que originou o jornal da tarde.

A imprensa entra na luta pela profissionalização do futebol. O Imparcial, Rio Esportivo, Diário Carioca, Jornal dos Sports, mais tarde O Globo em SP, O Dia, A Noite, Gazeta, Diário Popular, Diário da Noite até o início da década de 30 o rádio era sustentado por pessoas que tinham condições de se associar às emissoras a programação se aplicava em atender a pequena parte da elite. Em 1932 foi autorizado pelo governo no decreto 21.111 a publicação das publicidades no rádio antes eram feitas discretamente. As rádios com a publicidade as emissoras começaram a ter uma programação mais agressiva com apelos à massa e foi deflagrado um sistema competitivo onde valia tudo de onde o poder econômico mais alto venceria segundo a autora Maria Elvira Frederico e nessa reformulação a transmissão esportiva surgiu como um bom apelo para conquistar a audiência bola no ar.

Nos anos 1930 o jornal Correio Paulistano liberava uma coluna para matérias que envolviam futebol e duas pro turfe. Os jornais não tinham grande espaço para o esporte, mais por questão de espaço do que por interesse.

O futebol vira paixão, Mario Filho e Nelson Rodrigues, flamenguista dominam a página de esportes. Mário fundou o jornal dos Sports acompanhou com o jornal a primeira crise do futebol brasileiro, criou cisão do futebol de Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio de Janeiro, a crise começou em 1933, ano que se firmou o profissionalismo. Na divulgação do futebol pela imprensa surge o campeonato unificado depois de 4 anos de confusões com jogo América e Vasco e foi chamado clássico da paz.

Nelson Rodrigues e Mario Filho misturaram romance e dramaticidade o que levava o torcedor ao estádio ora mesmo que Dunga, Romário e Ronaldo tenham ficado a verdade entre a lenda e a verdade. A literatura sempre vai preferir a lenda o jornalismo deve preferir a verdade o que pode indicar que o tipo de crônica citada acima, não era exatamente, jornalismo. A imprecisão de Nelson Rodrigues diminuía nos anos 70 com o compromisso da imprensa com a verdade era muito impreciso ao descrever os gols. O rádio lhe contava as coisas de uma forma existe espaço pro romance da pra misturar os dois estilos, mas não se pode faltar com a verdade à falta de romance hoje em dia e o futebol pragmático do time de Parreira revoltaram a imprensa que não deram valor ao Dunga como foi dado a Belini.

A cobertura esportiva da época, através de crônicas como esta, não tinha nenhum compromisso com a objetividade e veracidade. Os jogos não eram televisionados e a maior parte das jogadas e das descrições dos grandes craques estão registrados em relatos cujo teor verídico não pode ser comprovado.

Misturava opinião, sentimento e muita criatividade, tornando difícil a separação do que era a verdade ou mito. A crônica esportiva em geral, comentaristas e repórteres se preocupavam pouco em relatar os fatos. A cobertura apresentava erros de dados, descrições incompletas e pouco compromisso jornalístico. Atletas inferiores podem ter sido considerados além do que mereciam, assim como partidas memoráveis podem ter sido apenas bem disputadas. (RIBEIRO, 2006, p. 181)

O rádio também contribuiu pouco para clarear os registros históricos. Situação que pode ser explicada já que o tipo de veículo demanda um exercício maior de emoção e criatividade nas narrativas para se prender a atenção do ouvinte. Desde a primeira transmissão de vulto, quando a Rádio clube do Brasil acompanhou a partida Brasil x Polônia, primeiro jogo entre a Seleção Brasileira na Copa do Mundo da França, tem-se através do rádio, ainda hoje, a impressão de que as jogadas são mais perigosas do que a realidade apresentada nos estádios. Basta para isso, acompanhar uma partida pela tevê com o áudio de uma transmissão radiofônica. (RIBEIRO, 2006, p. 156)

2.3 Jornalismo x dinheiro envolvem famosos da imprensa esportiva

A partir de 1991, por iniciativa da teve Globo os canais por assinatura chegam no Brasil. Com isso foi criada a Globosat e um ano depois o canal SPORTV, entrava no ar.

Grande desfalque para a televisão aberta que contava há 24 com Armando Nogueira, experiente jornalista que veio de Xapuri, no Acre, para ser considerado um dos ícones da imprensa esportiva que ganhou seu devido espaço com a televisão por assinatura. Foi um avanço, mas que chegava depois de países europeus e dos Estados Unidos.

Armando começou no Diário Carioca, onde ele considera sua maior escola no início da década de 50. Trabalhou sob o comando de Pompeu de Souza e Luís

Paulistano. No jornal havia iniciantes que viriam a ser famosos como: Evandro de Andrade, Carlos Viana, José Ramos Tinhorão e Jânio Freitas. Lá havia a cúpula mais experiente formada por Prudente de Moraes Neto, Carlos Castello Branco, Otto Lara Rezende, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos.

De 1959 a 1973, trabalhou no Jornal do Brasil e emplacou sua coluna “Na Grande Área”. Em meados de 1960, integrou a equipe Globo a convite de Roberto Marinho. Armando já tinha participado de mesas redondas esportivas. No comando do jornalismo global, participou de todas as Copas desde 1954, até, mas continuou na imprensa escrita como um fenômeno, pois, em 2007 sua coluna era reproduzida para 62 jornais do país.

Os grandes jornais começaram a incluir os cadernos de esportes regularmente a partir de 1960. A imprensa estava sob forte influência militar, mas o jornalismo esportivo cresceu em rádio, TV e jornal (Soares: 1994).

O grande momento da imprensa esportiva escrita aconteceu na conquista do tricampeonato de 1970. Em plena ditadura militar, os jornais dedicaram grande espaço ao jornalismo esportivo. A editoria de esportes passa a funcionar como um refúgio para os jornalistas talentosos que sabiam se indispuser com o regime. Mas ainda assim os profissionais corriam risco, o futebol também tem o seu lado político, mas acreditava-se que um dia a liberdade de expressão seria respeitada. Fato que não acontecia se o time do dono de um presidente fosse criticado, o jornal poderia até fechar (Amaral: 2005).

A editoria de esportes nos jornais brasileiros esteve atenta às mudanças estruturais pelas quais os esportes vinham passando no Brasil. E mesmo sendo a reportagem de resultados o modelo informativo predominante nessa imprensa, ao lado dos comentários dos jogos e das crônicas sobre os jogos, já nos anos 50 Nelson Rodrigues reclamava em seus textos contra a ditadura das matérias de resultado. É o que evidencia Marques (2003) em seu estudo sobre o cronista e dramaturgo.

Enquanto Nelson Rodrigues reclamava, os jornais impressos avançavam lentamente rumo a uma maior pluralidade editorial. O noticiário de resultados ainda parecia longe de ser suplantado, com os jornais apenas mudando o eixo de suas preocupações em relação a esses mesmos resultados até a década de 1990 (Goldgrub apud Marques: 2003 p.82). Entre os anos de 1930 a 1950, os relatos giravam em torno da atuação dos craques, dos jogadores que a maior parte

A preocupação com a descrição exata dos lances do jogo continuou nas décadas seguintes, mas nos anos 60 e 70, época de grandes craques, de dois títulos mundiais para o Brasil, e da concorrência com a televisão, as reportagens passaram a valorizar também os esquemas táticos, as inovações na forma de montar e fazer as equipes jogarem. Em meados dos anos 60, os termos em inglês também começaram a desaparecer do noticiário. Já entre o tempo decorrido entre a perda da copa de 1982 e a década de 1990, o eixo de cobertura passou a ser o preparo físico dos atletas e a eficiência das jogadas ensaiadas que influenciavam a grande notícia esportiva: os resultados.

No fim do século XX, a influência da televisão aumentou e a receita de sucesso dos seus programas passou a ser incorporada pelos jornais: ao lado do noticiário básico de resultados convivem histórias sobre as estrelas dos espetáculos esportivos. A vida pessoal dos jogadores – e não mais apenas dos jogadores de futebol – passou a fazer parte das histórias noticiáveis pelas páginas esportivas, com direito a chamada em primeira página.

Como nos demais setores, a Globo passou a ditar as normas de cobertura seguidas pelas outras emissoras principalmente pelo fato de a televisão de Roberto Marinho ter se constituído como uma rede de abrangência nacional desde 1969. Esse caráter de rede, que ajudou a disseminar uma cultura midiática padronizada para todo o país, também ajudou a popularizar ídolos e times de futebol do Sudeste nas outras regiões.

Quando a emissora começou a transmitir jogos em rede e, mais especialmente quando entrou no ar o programa diário Globo Esporte em 1978, os times cariocas passaram a ter maior visibilidade que os de outros Estados.

O futebol brasileiro entra em crise com a desastrosa Copa de 1990, além da violência que chegava aos estádios, principalmente no Maracanã.

Isso atrapalhava a imprensa, mas em 1994, o empresário Jota Havilla, alavanca o status da seleção com a Coca-Cola como patrocinadora no lugar da Pepsi. O refrigerante pagava 8 milhões de dólares e 20% ia para Havilla. Com isso, os direitos de transmissão cresceram assustadoramente de 120 para 2 milhões de dólares para as televisões. (RIBEIRO, 2006, p. 275)

Pelé na época concorreu com Havilla, Teixeira foi contra a proposta do rei e os dois romperam relações. (RIBEIRO, 2006, p.276, 6)

Pelé se aliou a Juca Kfourri, deu uma entrevista a ele detonando a cartolagem, o que lhe rendeu alguns processos e foi deixado de lados nos sorteios de mundiais e Juca ficou em evidência na época recebendo até convite para ser Ministro dos esportes do governo FHC. O jornalista recusou a proposta que era de 7 mil reais, Juca faturava 20 mil dólares fora os benefícios com sua carreira de jornalista. O convite foi inédito e nunca recebido por jornalistas esportivos. Galvão também chamou a atenção por deixar a TV Globo, em 1992 (RIBEIRO, p. 277, 3,5 e 7).

Galvão vai para a OM, (CNT) onde ficam 11 meses e depois volta pra Globo (1 278)

No mesmo ano, morre Paulo Machado de Carvalho, um dos ícones do rádio que trabalhou na Panamericana e Record. Paulo perdeu a inovação das microcameras das tvs nos gramados em 93, e nunca tinha sonhando com as transmissões que são feitas hoje. Ele tinha seus motivos, pois dirigentes eram inimigos das e com os canais de assinatura, as receitas maiores passaram a se aliarem a eles

Em 1993, surge a TVA, do grupo Abril, para concorrer com a Globosat. A parceria da TV era o Clube dos 13, foram 3 anos de transmissões de brasileiros. A CBF bateu o martelo e ficou do lado da SPORTV (RIBEIRO, 2006, p.278, p 2, 3,4; 279 1)

O Clube dos 13 rompeu com a TVA que ficou 3 anos sem entrar nos estádios. Foram algumas brigas em tribunais, até que o grupo Resolveu criar o canal ESPN BRASIL, para não depender mais da exclusividade da Globo. O Brasil passava a ter dois canais específicos de esportes na televisão a cabo. (RIBEIRO, 2006, p. 279 2 e 3)

A produção brasileira, especialmente na área de televisão, ganhou reconhecimento internacional. Na transmissão da Copa de 1994, a TV Globo investiu pesado novamente com a colocação de quatro câmeras exclusivas, a utilização de supershow motiom e até mesmo a utilização de recursos de touch screem que permitia aos comentaristas analisar jogadas, a partir de desenhos feitos sobre uma imagem congelada.

Investir em um evento de alcance mundial era quase uma obrigação, ainda mais com o número impressionante de telespectadores que passaram a acompanhar o maior evento do futebol mundial. Na Copa do Mundo de 1994, em

todo o planeta, foram 31,7 bilhões de telespectadores em 140 mil horas de transmissões.

Ricardo Teixeira desabafa junto de Dunga contra a imprensa que criticava a seleção. Era o prenúncio de uma guerra entre imprensa, torcida e dirigentes esportivos (RIBEIRO, 2006, p. 280)

Em outubro de 1994 Silvio Luiz, locutor da TV Bandeirantes, sofreu ameaças da torcida do Palmeiras ao chamar Edmundo de cafajeste, no clássico palmeiras e são Paulo, em que o animal desferiu pancadas nos jogadores tricolores. O locutor retrucou dizendo que não pisaria mais no “chiqueirão” e em um dos jogos saiu no camburão protegido pelos policiais. (RIBEIRO, 2006, p. 281 2 3 4)

No dia 22 de dezembro do mesmo ano, dois meses depois, a imprensa esportiva sofreu uma baixa. O detentor do apelido animal a Edmundo, o locutor Osmar Santos, sofreu um grave acidente na rodovia BR-163, entre as cidades de Marília e Lins, e o rádio perdeu um de seus maiores nomes, não em vida, mas na profissão de locutor que ele a exercia como ninguém. (MATTIUSI, 2004, p281 5)

Osmar não era apenas locutor, era empresário responsável por 50% das vendas de espaços publicitários do sistema Globo/CBN de rádio e dono da produtora de vídeos TVN, além de diretor e apresentador de programas da TV Manchete, atual Rede TV. (RIBEIRO, 2006, p. 281 6)

Pedro Luiz, outro grande nome do rádio, narrou sete Copas do Mundo, faleceu em 1994, aos 79 anos e trabalhou de 1948 a 1974 no rádio esportivo. (RIBEIRO, 2006, p. 282 1).

Em 1995, pela primeira vez na história o Campeonato Paulista houve a cobertura de cinco emissoras de televisão que pagaram 4, milhões e 500 mil dólares pelos direitos de transmissão. Surgiam revistas de clubes e a Placar crescia e investiu 500 mil dólares, pois vendia 40 mil exemplares por mês e em 2006 passou a 240 mil. Era um formato que atraía mais os jovens com o título Futebol, Sexo e Rock in Roll, a revista tinha uma equipe de jornalistas de respeito: Paulo Vinícius Coelho, Milton Abrucio Jr, Marcelo Duarte, Amauri Barnabé Segalla, Sérgio Xavier e Sérgio Ruiz. Mas com o tempo e o alto custo da revista, o projeto foi se desmoronando em um ano. Se em 1995 vendia 240 mil, em 1996 caiu para 120 mil e a revista de mensal voltava a ser semanal dois anos depois.

Revistas e jornais que apostaram em linhas editoriais com escândalos e denúncias se deram mal e perderam qualidade e leitores. (RIBEIRO, 2006, p. 282, 3, 4, 5, 6)

Paulo Vinicius Coelho resumiu bem o papel da FOLHA DE SÃO PAULO

O jornal nunca foi muito afeito às matérias de esporte. Até pela falta de cultura esportiva de seu diretor, Octávio Frias Filho, o jornal sempre preferiu atirar-se na boa cobertura política nas colunas e num caderno de prestígio como a ilustrada. O esporte vinha em segundo plano. A Folha não tem um caderno de esportes exatamente forte. Tem, sim, o melhor e único caderno de política de esporte do mundo. (COELHO, 2003, p.64)

Kleber Leite foi o primeiro radialista e presidente de clubes do Brasil. Mas não fez uma boa administração, deixou o clube em crise financeira e contratou reforços caros como Romário e Luxemburgo. (RIBEIRO, 2006, P.284 4)

O dinheiro do futebol começava a seduzir gente famosa da imprensa e a Revista Placar publicou a matéria com os dizeres “os piratas da TV” no ano de 1996, assinada por Sérgio Ruiz Luz, que denunciava a participação dos repórteres da Rede Bandeirantes, Luciano Jr, Eli Coimbra e Octávio Muniz, em transações de compra e venda de jogadores e outras negociações envolvendo clubes. (RIBEIRO, 2006, p.286 4,5)

Na reportagem, Luciano Jr, repórter da TV Bandeirantes, era o intermediador da venda do jogador Elivélton para o Corinthians e teria recebido 32 mil reais (RIBEIRO, 2006, p. 286 6)

As denúncias diziam que 61 atletas e 20 treinadores teriam participado do esquema montado pelos jornalistas Sérgio Ruiz Luz afirmou que

Os cifrões da bola são tentadores e suficientes para transformar o entrevistado de hoje no contratado de amanhã. Com acesso privilegiado a atletas, técnicos e cartolas - sem falar no poder de elevar jogadores ao ‘Olímpio dos craques’ na mesma velocidade com que detonam carreiras e reputações, eles propõem os mais diferentes tipos de negócio às pessoas que deveriam ser apenas o objeto de suas reportagens e comentários. (LUZ apud RIBEIRO, 2006, p.287 p1)

A Bandeirantes demitiu os jornalistas envolvidos e renovou seu quadro de funcionários. O tema “Corrupção na imprensa esportiva” estava em alta. Roberto Avalone batia boca com Milton Neves, Juca Kfourri era o principal personagem no

capítulo dessa corrupção no meio dos jornalistas da Folha de São Paulo e aparecia uma novidade na classe de jornalistas: surgia o assessor de imprensa de clubes e jogadores de futebol. (RIBEIRO, 2006, p. 287 3 e 4).

Milton Neves sempre foi a favor de informar com publicidade em jornalismo, mas com o tempo, infelizmente, o dinheiro mexeu com a sua cabeça e o famoso jornalista Ruy Carlos Ostermam rebatia tal postura:

Quem vende o fruto de seu trabalho se compromete com a venda. Há um contágio, uma união no mínimo perigosa. O profissional não pode ter compromissos de ordem pessoal com o produto. Você não pode parar uma narração porque tem compromissos com um anunciante. Mesmo que seja aberta uma empresa para fazer a transação com a agência, o favorecido direto será o dono, ou seja, o jornalista. O pressuposto ético da profissão é este: quem vai narrar precisa ter isenção. (OSTERMAM apud RIBEIRO, 2006, p. 288 2)

As empresas de comunicação - rádio, jornal e TV - apóiam a iniciativa de pessoas como Milton Neves, afinal, elas são beneficiadas. No meio disso tudo, Fiori Gigliotti fez o caminho inverso e foi vítima da Rádio Bandeirantes. O locutor conseguiu vários anúncios para a rádio e não recebeu nada em troca, Fiori não se aproveitava da empresa onde trabalhava, tinha ética e citou um caso que fez com que acabasse o namoro com a emissora.

Em determinado ano a Assembléia Legislativa de São Paulo iria votar um projeto que aumentava em 18% os impostos para todos os veículos de comunicação do estado. Os donos da Bandeirantes alegaram que com todo o meu prestígio junto a meus "amigos políticos" eu poderia evitar um corte em diversos veículos na ordem de 50%. Comprei a briga e passei a fazer lobby com diversos políticos ligados ao futebol, até chegar o dia da votação em plenário. Às 3 e 40 da madrugada a Assembléia engavetou o projeto. Liguei para a rádio, e o Johnny Saad ainda estava na emissora aguardando o resultado da votação. Ficaram eufóricos. No dia seguinte, nem "muito obrigado" O que quero dizer é que por tudo isso que fiz por eles imaginava um tratamento diferente na minha saída. Só não fiquei rico na minha profissão porque a Bandeirantes foi sempre ingrata comigo". (GIGLIOTTI apud RIBEIRO, 2006, p. 288 4)

Muitos jornalistas partiram para os negócios no futebol e não tinham 'medo de cara feia'. Como J. Havilla que armou o esquema NIKE CBF por 160 milhões em dez anos o que causou a CPI do futebol. O escândalo foi grandioso e exibido no Jornal Nacional todas as falcatruas que envolvia a negociação. Em uma das gravações, Ivens Mendes, Diretor de Comissão de comissão de arbitragens oferecia serviços

irregulares em troca da sua campanha para Deputado Federal (RIBEIRO, 2006, p. 289 4, 7,8)

Em 1997, o futebol estava em crise, mas a economia começava a decolar com o Plano Real e em outubro do mesmo ano, Walter de Mattos Jr, 34, recém saído da vice- presidência do Jornal O dia, realizou o seu sonho e fundou um jornal diário totalmente esportivo, com 40 páginas O LANCE!, em outubro de 1997, com 40 páginas coloridas e formato tablóide. O capital para sustentar todo o investimento era de um grupo de empresas interessados em faturar no incerto mercado editorial brasileiro. O diário contava com 30 profissionais e a linha editorial que Walter queria adotar era falar pouco de política (a cartolagem) e mais de reportagens no campo de jogo (RIBEIRO, 2006, p. 291 2 e 3; 292 1)

O LANCE! atingiu a meta de 120 mil exemplares vendidos em dois anos e jornais esportivos como a Gazeta Esportiva, de São Paulo e Jornal dos Sports do Rio de Janeiro iam mal. A outra novidade antes da Copa de 1998 o jornalismo esportivo foi que pela primeira vez uma mulher passou a comandar a editoria de esportes de um grande jornal do país.

A “escolhida” foi Isabel Tanese que trabalhou durante três anos no Jornal Folha de São Paulo, depois dela chegaram Kitty Baliero, chefe de redação do canal ESPN Brasil e a Soninha, também da ESPN. O interesse pelo jornalismo dos esportes era tanto que na Copa de 1998 nove mil jornalistas estavam na cobertura dos jogos e 200 repórteres. Faltaram credenciais, fato que se repetiu em 2002 e 2006 (RIBEIRO, 2006, p. 292 5 e 7)

2.4 O que é jornalismo esportivo? Conceitos de especialistas no assunto

No bom jornalismo é possível misturar emoção e realidade de modo equivalente. Por exemplo, é possível fazer uma brilhante matéria de economia falando da crise do Flamengo e das atitudes da CBF nos campeonatos, a análise tática, a conquista de título, a jogada bonita perdeu dramaticidade (COELHO, 2003). A emoção também faz parte do jornalismo como bem mostraram as crônicas de Nelson Rodrigues e alguém precisa fazer voltar ao cotidiano das páginas esportivas, mesmo que Dunga, Ronaldo e Romário tenham ficado restritos e perdidos a um tempo de uma descrição nua e crua da realidade. (COELHO, 2003, p. 19 2).

Entre as lendas e a verdade, a literatura vai sempre preferir a lenda. O jornalismo deve preferir a verdade. O que pode indicar que o tipo de crônica escrita por Nelson e Mário Filho, não eram exatamente o bom jornalismo (COELHO, 2003, p. 18 7).

Segundo Barbeiro e Rangel (2006) os dez desafios do jornalismo são:

1 O desafio do tempo e espaço: o espaço e o tempo estão ficando cada vez mais reduzidos nos meios. A sávida é praticar, nos dizeres de Juan Antonio Giner, um “periodismo de alambique”. Um jornalismo sem palavras ou informações inúteis.

2 O desafio da justiça: o jornalismo das massas está cedendo espaço para o jornalismo personalizado. Jornalismo para todos é jornalismo para ninguém.

3 O desafio do serviço: o jornal deve se colocar a serviço dos leitores. Valem as notícias que afetam o cotidiano das pessoas.

4 O desafio dos serviços aos anunciantes: se pudermos reservar um assento de avião com muitos dias de antecedência, por que não colocar um anúncio no lugar ?

5 O desafio da comunicação: um jornalista que não exercita sua própria capacidade de comunicação interna pessoal está fadado ao fracasso.

6 O desafio da criatividade: os jornais, bem como seus profissionais, devem sempre apostar em novas fórmulas.

7 O desafio da juventude: os jovens devem ser capazes de elaborar jornais para gente da sua idade, e, por isso, os jornais devem apostar na juventude.

8 O desafio de homens e mulheres: os temas de interesse da mulher não são aqueles que não interessam aos homens.

9 O desafio da normalidade: os meios e os jornalistas devem voltar a estabelecer pactos com sua comunidade. A verdade do jornalismo é a verdade da gente de ruas.

10 O desafio da paixão: jornalismo é para ser realizado com paixão, esse é o maior dever ético da profissão. Porém não pode exceder aos limites éticos da profissão. Seres humanos não são exatos como relógios de quartzo, mas nada justifica que o entusiasmo e a alegria se transformem em manipulação e distorção.

Ainda segundo esses autores, as dez pragas do jornalismo são:

- 1 Esconder notícia com medo do chefe e do patrão.
- 2 As pragas estruturais: burocracia e hierarquia.
- 3 A praga do dia-a-dia: jornalismo para manter o emprego.
- 4 A briga diária contra notícia e seu desconhecimento.
- 5 Noticiar o que agrada somente ao comercial da empresa.
- 6 Tratar com ingenuidade as matérias e não ousar dúvidas.
- 7 Temer pôr o emprego em jogo toda vez que houver um conflito de consciência.
- 8 Escrever sobre um assunto que não conhece. Se tiver de cobrir algo novo, trate de se inteirar antes.
- 9 Desconhecer o público para o qual faz jornalismo
- 10 Apropriar-se e piratear informações alheias.

2.5 Rádio Jauense: a pioneira nas transmissões

Sem uma data precisa, pode-se dizer que o jornal Comércio do Jahu foi o primeiro a divulgar, esporadicamente, em suas edições, notas esportivas enviadas à redação pelos clubes então existentes. Da mesma forma, a PRG-7 – Rádio Sociedade Jauense, fundada em 1934 também divulgava notas esportivas em sua

programação. A cobertura esportiva através do rádio ganhou impulso a partir de agosto de 1945, quando o proprietário do Serviço de Alto-falante Brasil Unido (SABU), Wilson Brandão Toffano, passou a apresentar, juntamente com Alides Fabris e Edê Romero, entre outros, o programa “Esporte em Marcha”, que era irradiado sempre no início da noite, no estúdio do SABU, instalado ao lado da Praça Siqueira Campos.

O depoimento de Sérgio de Souza Gomes retrata a primeira transmissão de Rádio em Jaú: “Obviamente que sendo a única emissora da região, foi a PRG-7 quem transmitiu, em data não sabida, a primeira partida de futebol via-rádio. O que se sabe é que as transmissões dominicais foram intensificadas após a profissionalização e o conseqüente ingresso do XV na Segunda Divisão de Profissionais. Os amistosos e jogos oficiais eram irradiados na base da raça, com os recursos humanos e técnicos que a rádio dispunha na época. Sem um narrador específico e sem tecnologia, cada transmissão, local ou externa, era uma verdadeira odisséia. Pouco antes de falecer, o célebre Fiori Gigliotti, em visita a Jaú, contou, mais uma vez, que a pedido da direção da PRG-7 foi ele quem transmitiu o jogo entre o São Paulo de Araçatuba e o XV, pela rodada inaugural do Campeonato Paulista da II Divisão, tendo para isso se deslocado de Lins, onde trabalhava na Rádio Clube, para o seu ‘batismo de fogo’ como narrador esportivo”

2.6 Rádios Piratininga, Tropical FM e Rádio Cidade de Jaú nas transmissões do futebol

2.6.1 Rádio jauense 820 AM

Uma das pioneiras no interior do Estado em uma época em que o rádio era um veículo de comunicação em crescimento e encarado como novidade no país. A cidade de Jaú pode se orgulhar no dia 15 de maio de 1934 fundar a sua primeira estação radiofônica, a Rádio Jauense. Um meio de comunicação que foi pioneiro para que surgissem outros na região e se tornou exemplo para futuras estações radiofônicas.

No microfone da Rádio passou o barra-bonitense e histórico locutor do cenário nacional Fiori Gigliotti e Laerte Maziero, citado por José Maia, como o melhor locutor da história.

A Rádio Jauense é administrada por Mauro Rafani e está em constante evolução. A cada ano surge uma rádio, mas ela não perde a ponte nos picos de audiência. A equipe esportiva é homogênea e esta junta desde 2001.

Talvez seja o único veículo que tem um especialista em esporte menor, popularmente conhecido como amador: Chiquinho Capobianco, que apresenta um programa das 18h30 às 19 horas de segunda a sexta.

A atual equipe de esportes é composta pelo diretor Mauro Rafani, os locutores Norival Sândi, Chiquinho Capobianco, Milton Araújo, pelo comentarista Vanthier Mantovanelli, Sérgio de Souza Gomes, no plantão e pelo repórter Bibi Costa.

A Rádio tem o programa Esporte em Marcha em duas edições das 10 e 45 as 11 e 30 e das 18 às 17 horas.

2.6.2 Rádio Piratininga AM 10,70

A Rádio Piratininga teve seu tempo de auge nas transmissões nos anos 70 em que Laerte Maziero comandava a equipe de esportes, contagiava a torcida e era idolatrado pelo público. De lá para cá, quando Laerte deixou o microfone, o veículo virou uma “feira livre” passando muitos locutores, sem manter um padrão. Hoje Ademir Leonel comanda o esporte ao lado do professor Xiva e do repórter Rogério Barrichelli. Antes disso passaram pessoas como José Maia, Beto Gigliotti e o jovem Paulo Soares, que hoje está no SBT. Ademir Leonel, locutor da Rádio Piratininga, está se destacando. Polêmico, arrumou briga com o treinador Marcio Grigio no ar, no Paulista da Série A3 2009. Sempre se preocupando com o iBope. Chegou a trabalhar em rádios de Santa Catarina e hoje pretende ficar em Jaú.

2.6.3 Rádio Tropical FM

A Rádio Tropical atualmente transmite os jogos em cadeia com a Rádio Cano Grande, de Igarapu do Tietê. Beto Gigliotti é o narrador, Ana Paula, esposa de Beto, a repórter de campo e professor Falcão, o comentarista.

A equipe esportiva não transmite só jogos do XV, trabalha também nos campeonatos Paulista e Brasileiro da 1º Divisão há três anos e a audiência está boa. Segundo Ana Paula, o que importa é a qualidade do som, o da FM é bem aceitável pelos ouvintes que hoje em dia avaliam esse quesito; “Hoje o ouvinte quer saber da qualidade do som. Principalmente nos estádios de futebol e nos carros em que o barulho é maior”. Quanto à audiência, está com a mesma aceitação da época em que Maia começou tal projeto no prédio do Salão Empresarial onde se localiza a emissora.

2.6.4 Rádio Cidade de Jaú 87.9 FM

Como foi visto, José Maia passou por todas as emissoras da cidade transmitindo futebol. Não teve aceitação para ficar em nenhum por vários problemas internos entre ele e o pessoal que trabalha nas rádios. Para não ficar parado por boa parte da semana, resolveu criar e montar sua própria rádio que fica localizada em sua casa.

Apesar de ser FM, a emissora não chega à região, só tem acesso a quem está dentro da cidade e em alguns pontos o chiado toma conta do som dos aparelhos. Maia justifica: “Estou com a emissora há dois anos, a maioria da programação é feita de músicas. Temos o nosso programa Caminho do gol, mas quanto a essa sua afirmação, precisamos melhorar os equipamentos”. O locutor não é bem visto no Zezinho Magalhães, mas também transmite os jogos. Não é possível estar em todos, seus compromissos com a Bandeirantes de São Paulo são por jogos, ele vai e volta, mas quando não está, tem seus locutores de confiança: Galera, Antonio Carlos, Pitico, que acompanham Maia onde quer que ele esteja nas emissoras de Jaú.

2.6.5 Alguns locutores

Em resumo são apresentados os nomes de alguns locutores de destaques de todas essas rádios:

José Aparecido Capobianco (é irmão do Chiquinho Capobianco da Rádio Jauense), Chiquinho Capobianco (trabalhava na Piratininga), Dimas Tiburcio, Laerth Maziero, José Maria Contador, Mauro Raffani, Rádio Jauense, Vanthier Mantovanelli, Valdo Fernando (já falecido - irmão de Vanthier), Wanderley José (já falecido - irmão de Vanthier), Edir Romero (já falecido), Sérgio de Souza Gomes e José Otávio Bolla

3. DEPOIMENTOS

3.1 José Maia: o locutor jauense que tem sua rádio e trabalha há 14 anos na Rádio Bandeirantes de São Paulo

Para Jaú ele é Zé Maria, para São Paulo, Brasil e o mundo ele é José Maia. Estamos falando de um radialista jauense que no alto de seus 52 anos já participou de 3 Copas do Mundo, é proprietário de uma rádio na cidade e está na Rádio Bandeirantes de São Paulo desde 1994, ou seja, 15 anos de “fama”.

Sua carreira começou em 1973 nos tempos dos bailes ele cantava e compunha músicas MPB pros festivais de Jaú com o maestro Valdomiro de Olivera e apresentava as músicas nos festivais e o Albertinho filho do Alides Fabris apresentava.

Foi convidado pra fazer teste na jauense e foi contratado pelo Alides como estagiário da Rádio de 1974 a 1976/76. Os locutores titulares do esporte eram; Valdo Mantovanelli e Campinho.

Maia rodou em várias rádios, de 1978 a 1980 trabalhou na rádio Terra Branca de Bauru. Na época, o Noroeste tinha contratado Jairzinho, o furação da Copa. Em 92 foi pra Rádio Bandeirantes de Bauru, o diretor da emissora em São Paulo, o senhor Paulo Coebi viu a narração, levou a fita e gostou.

Como teste o primeiro jogo foi em Araraquara, entre São Paulo e Ferroviária. O tricolor venceu por 3 a 1 e uma semana depois. Zé Maria Contador estava na equipe de esportes da Rádio Bandeirantes da capital. Os locutores Roberto Monteiro, Sergio Loredo e Eduardo Affonso trabalharam com Maia na ocasião.

Zé Maria conta como surgiu o apelido José Maia; “Em 1994 tinha outro Jose Maria na mesma área esportiva, e o Sérgio Cunha que era diretor de futebol tirou o r e ficou Maia. Também poderia ter ficado Jose Contatore mais tinha o Zé italiano corintiano da época que usava o mesmo nome”.

O locutor deixa claro e acaba com a polêmica de que narra melhor lá do que os jogos do XV em Jaú: “Na Bandeirantes os equipamentos são diferentes, a estrutura do interior é pequena, já na band é importada tem o correx que deixa a voz mais bonita”.

O slogan ele conhece o caminho do gol pegou e Maia o usa a cada gol narrado. Segundo ele, surgiu do nada, ele buscava uma frase e pegou. Na a época em que trabalhou em jornais e rádios de Jaú esse chavão virou nome da sua coluna de jornal, do sue programa de rádio e televisão e da sua equipe esportiva. Outros locutores como Enio Rodrigues, que falava “o que vale é bola na rede” tiveram e tem seus slogans. São as particularidades de cada um na rádio.

Falando ainda de futebol nacional, Maia, narra de 2 a 3 jogos por semana e apesar de ser santista, confessa ser admirador do torcedor corintiano e rotulo tal torcida como a mais agerrida. Também fala que de tantos gols narrados, o de 2002 do Robinho foi o mais especial. Fora as participações nas Copas da França, Japão e Alemanha em que esteve presente.

Para falar do futebol da cidade, José Maia se sentiu desconfortável e desgostoso. Já passou por todas as rádios e no momento todas as portas das emissoras locais se fecharam para ele. O jeito foi montar a sua Rádio que se chamava Cidade Agenda e agora tem o nome de Rádio Cidade de Jaú.

Os seus familiares às vezes fazem o papel de locutores, mas junto dele tem os cinco fiéis escudeiros que aonde ele trabalha os caras vão junto. Todo esse entrave começou dentro do XV de Jaú, em que Maia é radicalmente contra a atual administração. Segundo ele o XV vive a pior fase de sua história de 84 anos, e que o estopim da crise foi à saída do jogador França, que teve passagens pelo São Paulo e seleção brasileira, depois que Vagner Ribeiro, o tirou do clube, a crise veio á tona e a diretoria se desmoronou.

Maia é taxativo ao culpar além da diretoria, os políticos da cidade e seus colegas de imprensa local: “A imprensa também é culpada, pois alimenta tudo o que essa diretoria faz. Eu sou o único inocente e não tenho culpa, pois meto o pau na diretoria e não tenho medo de cara feia. O XV disputa a terceira divisão há

praticamente 12 anos. Alguma coisa está errada , não? Faltam parceiros e acho que a prefeitura deveria dar uma força ao clube também”.

Por último, o locutor comenta e aconselha quem quer seguir na profissão de locutor de futebol: “Ser narrador de tv é um pouco mais tranqüilo do que em rádio. No rádio você tem que desvendar os lances pra mim no começo foi difícil, mas pra quem quer seguir carreira, nada é impossível. Vá a um estádio ou em frente a televisão, pega um gravador, simula uma locução e depois ouça”.

Maia segue em Jaú e quando faz jogos em São Paulo vai e volta no mesmo dia. Hoje é proprietário de uma rádio que só pega dentro de Jaú e não chega às cidades vizinhas.

3.3 Chiquinho Capobianco: o homem forte do futebol amador em Jaú

Chiquinho apresenta um programa de esportes de segunda à sexta na Rádio Jauense das 18h30 às 19 horas. Em 30 minutos faz um resumo diário do esporte amador e certo agrado a seus patrocinadores.

A Liga Jauense de futebol é a mais forte da região e vista pelo locutor como o futebol nos tempos românticos: “A Liga é quase profissional, o nível do futebol dentro de campo é de terceira divisão. Os jogadores são pagos, mal pagos, mas são. Muitas atletas de Barra Bonita, Bariri, e ex - jogadores profissionais participam dos torneios”, diz Capobianco.

Capobianco até gosta do XV, mas sua paixão pelo futebol amador fala mais alto e o locutor se sente orgulhoso de ser o carro chefe dele na rádio. “Quando o Mauro Rafani (diretor da rádio) abriu um espaço para o programa, eu vibrei! Também sou narrador esportivo e sempre estou no Caiçara junto do Bibi (repórter) para fazer a cobertura dos jogos para a emissora”.

Desde os primeiros times da cidade que antecederam o XV de Jaú, o futebol de várzea não parou. Hoje existem a Liga Jauense de Futebol Amador e os quadrangulares que participam times de bairros, cidades vizinhas, tudo sobre a supervisão do diretor João Brandão, que já fez parte da diretoria do XV. Até aí tudo normal, mas Jaú tem um fato inusitado nesses campeonatos.

“Em Jaú abrimos espaço para as torcidas organizadas do futebol fazerem seus times e participarem. Existem a Galoucura e a Galunáticos que formaram suas equipes. Tanto no campo como no futsal”, conta Capobianco.

Para finalizar, Chiquinho diz estar satisfeito com o quadro mostrado e pede uma ajuda financeira para realizar o seu sonho: “Temos que ter parceiros, tanto para o profissional como para a Liga. Quero ver Jaú bem nos dois segmentos. Mas ser a referência no futebol amador no interior do estado seria um sonho.”.

3.4 Vanthier Mantovaneli, a história viva da imprensa da cidade, destaca os fundamentos do bom jornalismo para o interior

Quem o conhece saber muito bem, Valtier é o sujeito mais franco e verdadeiro de boa parte da imprensa. Nos seus 54 anos de profissão, ele aponta os caminhos para quem quer seguir a vida no rádio.

No alto de sua experiência o locutor diz que falta muita personalidade para os novatos no mercado: “ É notável e claro que a ordem parte do editor chefe, mas é nítido que jovens com potencial balançam e se intimidam com pessoas fortes do esporte. Não deve ser um Kajuru, mas também, deve tirar o máximo para que a entrevista saia do marasmo.”.

“Polêmico, o locutor coleciona alguns desafetos na cidade, dentre eles José Maia: “Não sou inimigo de ninguém, mas tem aquele ditado:” Quem não ajuda, não atrapalha”. Ele com o microfone da Bandeirantes poderia encher um pouco a bola do XV e não desmerecer. “

É nítido que Maia não para em rádios, mas nada será revelado aqui sem provas. Valnthier é uma figura viva de Laerte Maziero, o maior quinzeano da cidade e que incentiva a torcida ir ao estádio. Mais isso é bom jornalismo?

“Para o interior, sim. O clube depende muito mais da imprensa do que os grandes. Todos dependem, mas existe uma relação mais distante”, diz Vanthier.

Vanthier vive do rádio, está presente até nos treinos, tem amizade com os jogadores.

É famoso por acertar gols em meio aos jogos. Sua maior tristeza foi em 2005, contra o Rio Claro quando o XV perdeu no último minuto.

O locutor recomenda aos estudantes que não misturem as coisas: “Ser jornalista é cumprir com as obrigações e não se vender. A vida é dura, tem que ser feito com paixão, mas a imprensa mudou demais. Hoje em São Paulo se salvam poucos. Tem que tomar cuidado para não se envolver com dinheiro dentro do futebol, que é antiético e sujo para um profissional do microfone”.

3.5 Sergio de Souza Gomes conta tudo sobre o futebol da cidade

Serginho começou a carreira em 1956 aos 8 anos de idade, depois de aprovado num concurso promovido pela Rádio Jauense para escolher seu “locutor-mirim” que atuaria nos programas de auditório da emissora.

Em 1961 foi promovido a “Office-boy”. Em 1963, passou a redator de boletins informativos e produtor do programa Esporte em Marcha. Em 1964 começou a comentar jogos do XV. Em 1968, com o licenciamento do XV, foi direcionado para o Escritório na função de auxiliar e dava cobertura ao departamento de programação trabalhando como auxiliar de discotecário.

Entre 1970 e 1974, Serginho trabalhou como auxiliar de redação do programa noticioso das 11h30, quando se desligou para trabalhar na Rádio Cultura de Bariri como redator até o início de 1976, quando retornou a Jaú para compor o departamento de esportes da rádio, como comentarista e redator do programa esportivo diário.

A mesma função exerceu na Rádio Piratininga de abril a outubro de 1978 e quando voltou para a Rádio Jauense em 1979, teve períodos de trabalho na equipe esportiva e discoteca até 1989 quando retornou à Piratininga, onde permaneceu até 1993, à frente do departamento de programação e colaborador dos setores de jornalismo, esportes e marketing, além de apresentador do programa “Rádio Flash” uma vez por semana, aos domingos pela manhã.

Em 1994, esteve na Rádio Cultura de Dois Córregos como redator de noticiário e plantonista esportivo.

Desde 1995 responde pela área de programação, plantão de esportes, que deixou em 2002, e produção esportiva da Rádio Jauense. Teve ainda passagens pelos Jornais “Comércio do Jaú” e “Opinião” como redator de esportes e notícias, respectivamente.

Entrando no mérito e no campo profissional, Sérgio fala de Laerte Maziero e dos profissionais do microfone em Jaú: “Trabalhei praticamente com todos os locutores que passaram pelas emissoras de Jaú. Não gosto de comparações, até porque, com raríssimas exceções, nem todos eram ou se fizeram especialistas em locução esportiva e transmitiam porque eram versáteis na arte de fazer rádio, coisa típica do radialista interiorano.

“Laerte, seguramente é um dos mais completos profissionais de rádio com quem eu tive a satisfação de trabalhar e aprender muita coisa. Versátil, inteligente, sagaz, teve brilhante passagem pelos microfones das emissoras da região, seja como apresentador de programas musicais, jornalísticos e esportivos ou como narrador e comentarista das jornadas esportivas das ditas emissoras. Prestou concurso e foi aprovado para o quadro de locutores da Rádio Nacional de São Paulo, mas abriu mão da vaga e retornou a Jaú”.

O futebol amador da cidade tem o seu valor, o locutor fala de alguns atletas revelados e da atual estrutura encontrada: “Foi melhor no passado, revelando um sem número de grandes jogadores, como por exemplo, Sormani, Afonso e Edu, que atuaram em clubes de ponta do futebol brasileiro e na própria Seleção, além de outros tantos que passaram pelo XV e por outros clubes da Capital e do interior paulista. Muitos clubes desapareceram com o passar dos anos e outros se transformaram em sócio-recreativos. Dos poucos que restaram apenas uma dúzia, se tanto, tem disputado o campeonato da Liga Jauense de Futebol, empobrecido porque faltam recursos e patronos para bancar os custos da montagem de equipes fortes como era antigamente, quando havia mais amor à camisa e menos interesse financeiro”.

Locutor em Jaú é sinônimo de torcedor, Sérgio revela o jogo da sua vida: “Da minha primeira participação, em 1964, até esta data, comentei e reportei, para o rádio e jornais dos quais fui redator de esportes, dezenas e dezenas de jogos do XV, quer pela divisão de elite ou pelas divisões inferiores, dentre eles, a espetacular performance na vitória sobre o Corinthians por 3 a 0, em jogo do campeonato de 1977; a dramática vitória por 4 a 3 obtida “em cima do laço” diante da Portuguesa, em 1978, no Jauzão, com um gol de Benazzi; a goleada de 5 a 2, aplicada no Guarani, dentro do Brinco de Ouro, em 1981; as lutas para fugir do rebaixamento em várias temporadas de vacas magras, mas nada se compara às emoções da

reconquista do acesso em 1976, vencendo o Aliança de São Bernardo do Campo, por 2 a 0, no estádio do Bugre campineiro”.

Para finalizar, faz uma avaliação da cobertura da imprensa, da relação imprensa x clube e de um momento que lhe agradou e marcou na vida profissional: “A imprensa falada e escrita de Jaú sempre ofereceu espaço para o esporte, tanto nos programas esportivos diários de estúdio como nas transmissões propriamente ditas, assim como os recém-criados canais de TV a cabo que operam na cidade. Obviamente que a atenção maior se volta para o XV, quando este está ativo, mas, de um modo geral, as equipes amadoras, os esportes de salão como vôlei, basquete, futsal, bem como outras modalidades também contam com boa cobertura jornalística. Trocando em miúdos, os veículos de comunicação de massa têm cumprido o seu papel”.

“Com pouco mais de quarenta anos de experiência na área, embora sob suspeita, a minha opinião pessoal é de que cada segmento da imprensa esportiva tem um modus operandi particular na sua forma de trazer uma notícia ou expressar uma opinião. Acima de qualquer coisa, senão a totalidade, mas, uma grande maioria dos homens que dela fazem parte, têm vínculos emocionais muito fortes com o XV e isso faz com que o coração fale mais alto, quando o espaço pede uma dose maior de razão. É notório que o objetivo é ajudar. Porém, nem sempre ajuda, no meu entendimento”.

“Nesses anos todos de carreira, trabalhei e convivi com muita gente boa da crônica esportiva. Com os mais antigos, aprendi que rádio é coisa séria e dessa lição fiz-me crescer dentro dele profissionalmente, aliando seriedade e aplicação no aprendizado dos segredos do rádio esportivo bem feito. Com os mais novos, aprendi que nunca é tarde para aprimorar conhecimentos. O meu professor em esportes foi Vanthier Mantovanelli, ainda hoje ditando cátedra no rádio, esbanjando conhecimento, categoria e experiência acumulada de 60 anos de “latinha”.

Na relação de imprensa e clube, para Serginho deve haver harmonia: A crônica esportiva e o XV sempre trilharam pelo mesmo caminho. Contudo, nem sempre é possível haver harmonia e comunhão de pensamentos. “Se algo foi dito em tom de crítica, a desgosto de um dirigente, treinador ou atleta do clube, o discernimento nos induz a acreditar que a palavra de desagravo teve o sentido de alertar para o reparo ao erro cometido”.

3.6 Por que o XV de Jaú não tem cobertura diária via internet?

Para quem vive em Jaú, é comum ouvir dos mais antigos e saudosistas torcedores que o time de futebol hoje “já acabou”. Realmente, para quem joga de janeiro até abril durante um ano no futebol profissional, é lamentável a atual situação do clube.

Existem empresas na cidade que é a capital do calçado feminino, mas faltam recursos para o Galo mais querido de Jaú. Não entro no mérito da questão administrativa no espaço, mas na questão da cobertura eletrônica muito comum nos meios de comunicação esportivos.

Os clubes do interior são inúmeros e para resolver o problema de quem gosta de acompanhar o resultado, contratação, situação de momento e desempenho de seu time, foi criado o portal Futebol Interior (WWW.futebolinterior.com.br), com sede em Campinas, interior do estado de São Paulo.

No Placar Ao Vivo, vemos em tempo real os resultados dos jogos do XV e quem marcou os gols, mas diferentemente de outros times, não existe colunista específico para o time.

Mas se engana quem pensa que o XV nunca teve seu repórter de plantão no site. Já teve, mas por questões profissionais o jovem jornalista Paulo Soares abandonou o site de maneira não muito amigável.

Para escrever diariamente, o jornalista na verdade é um mero colaborador, não é renumerado e o faz por paixão. Muitos continuam escrevendo, mas segundo o jauense, o site é tendencioso.

“Fiz algumas matérias que não foram publicadas e também trabalhei para uma rádio local aqui na cidade. Hoje, estou da cobertura e atuando no SBT do interior”.

Realmente, para analisarmos friamente, o esquema do site é bem sensacionalista e não é só em Jaú que isto ocorre. Em outras cidades do interior, segundo alguns dirigentes, em uma entrevista concedida para mim, disseram que o site só divulga fatos positivos dos clubes se os clubes pagarem a página.

Sem entrar no mérito da questão, mas clubes como Marília e Noroeste têm seus próprios portais que são atualizados diariamente. Mas porque o XV não tem?

Primeiro pelo desempenho do time que não atua o ano todo de forma profissional, o que não ajuda para o repórter, que fica sem assunto. Mas e as equipes de base? Sub 13, 15, 17 e 20?

A falta uma assessoria de imprensa no clube para a maior divulgação do que são suas fontes de renda para sobrevivência: os garotos da base.

Beto Gigliotti, vice-presidente, me fez uma proposta para assessorar o clube. Recusei de forma taxativa pelas condições oferecidas. Com direito a refeição e vale-transporte. Pouco para a classe de assessoria que no mercado é a que mais recebe em questão salarial.

Hoje encontramos alguns blogs (não oficiais) e muito desatualizados feito por torcedores das facções Galomania e Galunáticos e o site oficial parado no tempo. Sem informações dos campeonatos de base que acontecem durante o ano e de seus jogadores.

A cobertura no site do jornal Comércio é voltada para todos os esportes e para a região. Não foca exclusivamente o XV de Jaú.

Uma triste realidade para uma cidade como Jaú e para um clube de 85 anos de história.

3.7 Comércio do Jahu: o jornal impresso que dita o dia-a-dia do futebol da cidade

Ninguém no começo do século XX poderia imaginar o nascimento de um jornal impresso logo nos primeiros anos. As grandes capitais lançavam alguns folhetins, mas com as dificuldades impostas pela questão da estrutura. Os irmãos Álvaro Floreto e Gumerindo Floreto eram da alta classe na cidade de Jaú e no dia 31 de julho de 1908, na Rua Edgard Ferraz, 26, nasceu o Comercio do Jahu e seu primeiro exemplar. A composição era alinhada a mão, não havia muitos recursos.

O jornal ganhava status com a participação até na Primeira Guerra Mundial. A circulação não era diária (terças, quintas e sábados). Para chamar a atenção do povo uma sirene tocava a cada notícia que chegava à redação.

Em 1923, a circulação passa a ser diária com vários editais separados em diversos cadernos no jornal.

O esporte só “nasce” na década de 1940. Com uma coluna chamada de Comércio Esportivo. O jornal passa a mudar o nome em razão da nova ortografia da época. Em 1957 a letra H entra no nome do jornal Comércio do Jahu e no ano seguinte circulou a primeira edição colorida do jornal. O jornal mudou de direção e quem o comandava era o jornalista Manoel Porto.

O jornal passou por diversas chefias e na década de 1970 a família Bauab o assume. Em 1984, Raul Bauab era o porta-voz e criou o Jahuzinho, caderno suplementar ao Comércio.

No início da década de 1990, o Comércio estréia um sistema de composição a laser, que permitiu ao jornal um avanço em termos de qualidade técnica. Em 1999 o jornal muda sua sede para a Rua Marechal Bittencourt, 935 e em 14 de janeiro de 2001, o Comércio estréia sua versão online (WWW.comerciodojahu.com.br). Talvez hoje a única fonte online para se ter notícias do XV de Jaú.

De todas essas passagens destaque para o esporte que com textos curtos e informativos não perdeu seu espaço, principalmente pela opção online para o leitor/assinante se interagir a respeito do seu clube. A parceria com o portal UOL também é válida, pois o jornal ficou conhecido no mundo através de seu portal online.

3.8 José Otávio Bola: “o professor da matéria”.

Barra bonitense de nascimento e jauense de coração. Há 40 anos no ar esse locutor fez do estádio Zezinho Magalhães seu palco e emocionou torcedores com suas narrações apaixonadas que o credenciaram ao título de “Professor da matéria”.

Com o passar dos anos, ele virou um verdadeiro professor e revelou muitos nomes para o rádio da cidade. Hoje, Bola não transmite mais futebol, mas ainda frequenta o estádio. Tem um detalhe: credenciado ou não, sempre pagou ingresso para ajudar o Galo da Comarca.

Em meados de 2001, quase ele deixou a narração de lado por imposição do destino. Vítima de uma doença cardiovascular, um enfarte o fez se submeter à instalação de pontes de safena em seu peito.

Zé Otávio foi professor de história, mas sua paixão mesmo é pelo rádio. Tudo começou através do seu pai que, segundo ele, só não foi profissional por

opção. “Sempre fui apaixonado por futebol. Sou filho de uma das estrelas do futebol amador da Região, o Renatinho da Barra. Fato confirmado por Didi, o “folha seca”, com quem jogou nos anos 40 no Clube Atlético Lençoense. Didi foi questionado pela TV Cultura sobre qual o maior jogador de futebol, além de Pelé, que viu jogar. Ele disse: “O Renatinho da Barra, nos tempos da Lençoense”. Didi foi para o Rio de Janeiro e meu pai continuou na Barra, pois o futebol daquele tempo não tinha o encanto do profissionalismo dos dias atuais. Meu pai chegou a jogar na Seleção Paulista de Veteranos da Federação Paulista de Futebol. Conquistou o Prêmio Belfort Duarte, concedido a atletas que ao longo de sua carreira não foram punidos por indisciplina. Meu pai nunca foi expulso de campo em jogos oficiais. Ganhou Medalha de Ouro da CBD, hoje CBF, e livre ingresso em qualquer praça esportiva do País”.

Mas como não deu certo nos gramados, o rádio ganhou as vozes desse locutor que ganhou um rádio importado e se apaixonou.

“No final dos anos 1950, ganhei de presente um rádio portátil Hitache, que o Dr. Mário Mascaro trouxe do Japão a pedido de meu pai. Foi à glória. Ouvia todos os jogos narrados pelas grandes rádios nos tempos de Edson Leite, Pedro Luiz, Geraldo José de Almeida, Oduvaldo Cozzi, Waldir Amaral e mais tarde Fiori Gigliotti, Osmar Santos, José Carlos Araújo. Adorava ouvir a narração das feras do rádio do Rio e São Paulo. Comecei a narrar futebol de botão. Jogava sozinho e ia narrando os lances. Também no chuveiro, imaginava os lances e soltava a voz”.

A trajetória de sucesso conta com 42 anos de história e alguns fatos podemos destacar.

Começou na Rádio Emissora da Barra em 1967. Mesmo ano em que a emissora foi fundada. Durante o campeonato amador regional daquele ano fez várias narrações que eram apenas gravadas em gravadores Phillips. No jogo final do campeonato, realizado em Barra Bonita, a Rádio realizou sua primeira transmissão externa, num jogo de futebol: AA Barra Bonita x Analândia. “O Estádio Municipal não tinha cabine de rádio. Ficamos ao lado do gramado, numa cobertura de lona, pois choveu barbaridade. Narrei o segundo tempo e o gol que deu o título de campeão à AABB. O primeiro tempo foi narrado por Guido Calêncio, excelente imitador de Fiori Gigliotti, mas que ficou apenas nos primeiros 45 minutos.”.

Trabalhou na Rádio da Barra como narrador e chefe da equipe de 1967 até 1976. Era um voluntário, pois nem contrato em carteira em tinha. Naquele ano se

profissionalizou, sendo convidado pela Bauru Rádio Clube, hoje Bandeirantes/Bauru. Narrou jogos do Noroeste, acompanhando a equipe no Campeonato Paulista. Também narrou jogos do amador, aos domingos pela manhã. Em 1978, o prefeito de Jaú e dono da Rádio Piratininga, Waldemat Bauab, convidou-o para comandar a equipe de esportes da emissora. “Ao lado de Laerte Maziero, Luiz Carlos Bonzanini, Waldo Mantovanelli e Mauro Raffani formamos um time de grande audiência. Teve a oportunidade de acompanhar o XV de Jaú em dois Campeonatos Brasileiros, em 1980 e 1982, na época que o XV tinha como técnico Octacílio, o Cilinho, que foi o maior técnico e revelador de craques do futebol, na minha opinião. Neste tempo conciliava as narrações em Jaú (XV) e Barra Bonita (AABB). Em 1983 a AA Barra Bonita conquistou o título de Campeã Paulista da II Divisão. Na época tínhamos a Divisão Principal (Paulistão), Divisão Intermédiária (Paulistinha) e a II Divisão. Na sequência vinha o futebol amador. Os jogos finais (quadrangular) foram realizados em Araraquara, na Fonte Luminosa.

Em seguida, quando a AA Barra Bonita deixou o futebol profissional, em 1984, deixou a Rádio Emissora da Barra e voltou para Jaú. Ficou alguns anos na Rádio Piratininga e depois passou à Rádio Jauense, a PRG-7. Lá trabalhou com Wanthier Mantovanelli, Sérgio de Souza Gomes, Mauro Raffani, Bibi Costa, Chiquinho Capobianco e outros. Em 2002, após uma cirurgia no coração com a colocação de três safenas e uma mamária, abandonou definitivamente a narração esportiva. Seu último jogo, dois dias antes do problema cardíaco, foi em Taubaté, onde o XV perdeu por 2x0.

Todo locutor das rádios do interior paulista e de todo estado priorizam o time local, de sua cidade. Muitos dizem que é informar, mas Bola prova que existe uma relação íntima e de amor com o clube que está cobrindo até antes de começar a trabalhar na área. É a relação de imprensa e jogadores que existiu em seu caso.

“Já havia lastro de simpatia com o XV antes de narrar seus jogos, pois meu pai defendeu o XV de Jaú em jogos amistosos, a convite da direção do time jauense. O XV é o meu time de coração, pois lá alcancei maior projeção e tive o prazer de participar da vida do XV através da Rádio Piratininga e do jornal Comércio do Jahu. Convivi com grandes jauenses como Waldemar Bauab (dono da Piratininga), Raul Bauab (dono do Comércio do Jaú), os técnicos Cilinho, José Poy, Dino Sani. Além do bom relacionamento com os jogadores. A bem da verdade, era mais que um

narrador de jogos do Galo, era um apaixonado pelo XV de Jaú. O XV foi a minha escola”.

Saudosista, Zé Otávio fala quem são seus ídolos no rádio e como a coisa funcionava. “Meus ídolos foram a dupla Pedro Luiz e Edson Leite. Pela fidelidade ao que narravam. Não eram espetaculosos, mas sempre estavam em cima da bola. Narravam como poucos e tinham um vocabulário vasto, evitando a repetição de frases e palavras. Eram narradores na acepção do termo, pois se limitavam a narrar os jogos, sem comentar”.

De que o jornalista esportivo é mau remunerado e trabalha por paixão não é novidade, muita gente menospreza a reportagem, mas sem ela, o futebol do interior, pelo menos o de Jaú, estaria morto, segundo esse depoimento do professor da matéria.

Se não fosse a imprensa, o futebol de Jaú já estaria encerrado há muito tempo. Anualmente é a imprensa que dá o grito de alerta sobre a montagem do time, a convocação de dirigentes e da torcida. Ela é o incentivo. Durante as disputas dos campeonatos não faltam críticas aos dirigentes e atletas, mas são “brigas de amor”. O XV só existe graças à imprensa falada e escrita, que mantém viva a chama do “Galo da Comarca”.

Bola acha normal a posição do locutor-torcedor nas rádios do interior: “O locutor do interior é um torcedor do time da sua cidade. Não há opção à imparcialidade. O rádio precisa do clube e o clube, do rádio. É diferente de uma capital onde há vários clubes. Em Jaú, Bauru, Araraquara a crítica não tem razão em existir. Cada cidade tem o time de futebol que merece, pois o clube é financiado pela comunidade, através de patrocínios e ingressos. Agora se soma a isso o empresário, que assumiu o passe dos atletas, que era dos clubes. Clube sem passe de atleta é uma entidade sem patrimônio. O jogador não pertence ao clube, mas sim ao empresário que paga seus salários. Criticar um jogador só é admissível quando você tem um substituto. Quanto ao treinador a crítica e o elogio são mais admissíveis. O técnico é o maestro do time. O maestro responde pelos músicos. Se os músicos não são bons, é mais fácil criticar ou trocar o técnico. Esquema tático, comando, substituição são passíveis de críticas e elogios”.

Bola também é a favor da aproximação e amizade de dirigentes e jogadores. Fato raro na opinião da maioria dos locutores.

“Amizade se faz com convivência. Como eu sempre morei em Barra Bonita e trabalhava em Jaú e Bauru, não tive o que podemos chamar grandes amigos no futebol jauense e bauruense. Meu relacionamento era mais profissional. Não vejo razão para o radialista não ter amizade com dirigente de clube. Você não pode é misturar alhos com bugalhos, ou seja, comprometer seu desempenho profissional por uma amizade. ‘Amigos, amigos; negócios a parte’. Quando a aproximação ou a amizade tem objetivos na busca de vantagens, daí sou contrário. É inteiramente prejudicial a ambos”.

Laerte Maziero, segundo o Bola, foi o melhor companheiro de imprensa com quem ele já trabalhou. “Era um apaixonado pelo XV. Conhecia o futebol como poucos e era uma figura carismática no meio esportivo. Fizemos juntos os dois Brasileiros. Um comentarista que não perdia treino do XV, por isso sabia tudo dos bastidores e da realidade do time jauense. Foi mais que um colega, foi um amigo. Apesar de ter trabalhado com muita gente ótima de microfone e conhecimento do futebol, Laerte Maziero foi o destaque”.

O locutor faz parte da história, trabalhou em um jogo histórico que inaugurou a iluminação do estádio. Bola fala com entusiasmo sobre o feito: “Foi uma alegria participar de um evento histórico para Jaú. O jogo foi no sábado. No mesmo dia tivemos um jogo em Ribeirão Preto, cujo resultado interessava ao XV. O motorista cumpriu sua missão. Narramos o jogo, voltamos diretos para o Jauzão. Foi, com certeza, o primeiro internacional na história de Jaú e do XV. O XV venceu o jogo, por 3x0, sobre o Cerro Porteño”.

Ao mesmo tempo, fala em que ponto a rádio deve melhorar as transmissões de futebol. “Olha, o rádio fatura em cima do futebol. Diferentemente da TV, que paga pela transmissão, financia os clubes e, no caso do Brasil, com raríssimas exceções, sustentam muitos grandes clubes. A mudança que poderia ser considerada é que a cobertura do clube tem que durar todo o ano e não somente no campeonato, que dura quatro meses. Daí o clube fica no abandono, sem vida. Seria um estímulo ao trabalho do dirigente buscando recursos financeiros e humanos. O recurso humano tem como celeiro as divisões de base. O XV já passou por isso, foi um celeiro de craques. A emissora de rádio tem que prestigiar o clube em todas as suas atividades, até como forma de cobrança e da fixação da imagem do dirigente perante a comunidade”.

No interior, poucos locutores são respeitados, ainda mais quando chegam as ‘estrelas’ da capital, mas Zé Otávio tem seus admiradores que são radialistas, alunos e torcedores.

“Tenho bons amigos no rádio jauense, assim como tive muitos fãs. Sou muito respeitado pelo pessoal do rádio, talvez pelos meus cabelos brancos. Muitos dos atuais radialistas foram meus alunos no SENAC. Tenho muitos fãs entre os torcedores e ouvintes mais antigos, ‘do meu tempo’. Até hoje tenho meu espaço no rádio jauense, com certeza”.

Sempre é bom ter o reconhecimento. Embora isso não seja fundamental. Apelido surgiu em razão de minha atividade principal que é ser professor, inclusive do curso da Radialismo, no SENAC por cerca de 20 anos. Olha, “professor não é aquele que ensina, mas o que ajuda seu discípulo a aprender”. Sou amigo dos meus ex-alunos e aprendi muito com eles”.

3.9 Norival Sândi; Radialista de Bauru apaixonado pelo Galo da Comarca

Norival mora em Bauru até hoje, mas não esconde de ninguém sua paixão pelo XV de Jaú. As portas das Rádios bauruenses se fecharam para ele, que se diz tranqüilo e não quer saber da Cidade Sem Limites. “Hoje, com 60 anos de vida, não devo nada pra ninguém como locutor de futebol. Estou tranqüilo, também não quero Bauru”.

Seu começo foi nos anos 1960 como redator de programas esportivos, depois passou a repórter de campo e virou narrador graças a uma lenda do Rádio jauense, como explica Norival: “Eu era funcionário da Rádio Piratininga, fazia reportagem de campo. Laerte Maziero era locutor e em 1966 teve um jogo entre XV de Jaú x Ferroviária de Botucatu. Cheguei e o Laerte não estava, só as ordens vindas dele que eu deveria narrar. Fui bem e a partir daí, virei o narrador da Rádio.”

Nori não fez o mesmo caminho de seus colegas locutores, já passou por diversas cidades.

Em 1968, o XV pediu afastamento e no ano seguinte, Norival foi pra Apucarana, Paraná, depois pra São José do Rio Preto, onde ficou quase um ano. De lá foi pra Radio Luz de Araçatuba onde foi gerente, fez jogos internacionais de futsal por lá. Depois comprou a rádio de Guararapes, onde revitalizou o futebol Depois

saiu da rádio e voltou em 1993, Maia e Mauro foram pra Bandeirantes de Bauru e o chamaram

Fizeram transmissões de campeonatos amadores em seis estádios. Norival organizava e revezava entre o profissional e o amador. No ano de 1994, Maia e Mauro faziam rodízio porque voltaram para a jauense.

No mesmo ano, Mauro se desligou de Bauru e em 1995 o Norival se afasta de tudo e assume a rádio 710 para fazer o Noroeste até 1997 quando a rádio parou, arrendada pra Igreja Universal. Terminou a equipe esportiva voltou para a Band e ficou até 2001 quando parou e em 2002 foi para Jauense, onde está até hoje.

As suas passagens em Bauru foram boas, mas não o animaram mesmo morando na cidade. “Em Bauru, não se renova, não abrem portas para os jovens. QA estrutura também é precária no estádio do Noroeste. Como disse meu amigo Vanthier, se o Damião Garcia, na época presidente do Noroeste, parasse em Jaú e investisse no Galo, estaríamos na Libertadores”. Nori ri ao final, se gabando do orgulho de ser quinzeano.

Realmente a estrutura do XV não deve nada a muitos clubes no sentido de atendimento á imprensa, mas essa postura do Norival lembrou os tempos da rivalidade Rio e São Paulo nos anos 20.

Rivalidade que não acaba por aí e é levada de uma maneira agradável. Nori trabalha com computadores e está parado até 2010, junto com o XV, e fala de seus planos para o futuro: “Estou desde 2002 na Jauense, com a maior audiência e continuarei aqui, se Deus permitir, até os últimos dias da minha vida”.

Paixão que não é vista por ele vinda de alguns colegas de imprensa: “Tem gente que gosta de barulho. Não ajuda e atrapalha. Dois colegas de Rádio, não vou dar nome aos bois, mas as Rádios Piratininga e Cidade de Jaú. Falta em minha opinião, uma união da imprensa em prol do” nosso” time de futebol”.

Norival Sandi quando está em trabalho é sincero, imparcial, mas não gosta de desonestidade para com atletas, jogadores, torcedores de qualquer que seja a equipe, por isso que mesmo em outro ramo de atividades, o rádio continua sendo seu hobby preferido enquanto o XV está em campo e ele irradiando as partidas.

3.10 Edson Rocha fala como funciona a transmissão da tv nos jogos do XV

Que todos os direitos de transmissão dos principais campeonatos nacionais e regionais do país são da Rede Globo é de conhecimento de todos, mas, diante de tal panorama existem os canais de tvs locais nas cidades espalhadas pelo interior do nosso país. Em Jaú, existem dois canais: TV Local e a TV Comunitária do Paquito.

A respeito da TV Comunitária, não temos muito que falar. Parou de transmitir futebol e só cobre notícias da cidade. O fez por falta de condições de viajar nos estádios. Já a TV Local é mais ativa, apesar de passar por algumas dificuldades.

Edson Rocha, atual comentarista, fala sobre as alegrias e tristezas nessa jornada que é cobrir jogos de futebol pelo interior.

O começo de sua carreira foi em rádio e não tinha pretensão para ser locutor de TV. “Fiz um curso de rádio no SENAC e tive aulas com o Bola, ele quem me lançou na Rádio. Daí em diante, criou-se o projeto da TV e eu junto do Bibi Costa, o atual repórter da Rádio jauense, abraçamos”.

A TV é canal fechado da cidade, mas com preços acessíveis. O único problema é o cabeamento que não faz chegar a todas as casas da cidade, que é um defeito a ser corrigido, pois prejudica a audiência.

Quanto aos jogos, as reprises são passadas três vezes por semana. Isso quando o XV está em atividade; Conforme os resultados, a audiência é pífia. Edson cita as dificuldades e a insatisfação com alguns dirigentes do XV. “Nossos gastos para se locomover até os estádios são maiores que os da Rádio. Fazemos um trabalho para o torcedor, gostamos do clube e o presidente em um belo dia afirma que não quer que o XV vá para a Série A2. Isso foi lá em Presidente Prudente, me desanimou profundamente. Falou para alguns radialistas fora do ar”.

Apesar desses problemas, a TV local permanece e já viveu momentos marcantes. Junto da Rádio Tropical, é a única que cobre o Paulista Sub 20. E o XV ganhou um em cima do Santos dentro da Vila Belmiro. Foi à maior audiência mesmo o jogo sendo transmitido em VT (os direitos eram da Rede Vida).

Edson espera um bom retorno no próximo Paulista Sub 20 e agradece pelas viagens que não serão tão longas - ao menos na primeira fase - não tem planos para sair da TV e até gostaria que a outra emissora transmitisse os jogos. “Apesar de ser

concorrente, seria ótimo para o jauense ter outra opção, até porque poderíamos medir o índice de audiência e melhorarmos cada vez mais”.

Para finalizar, Rocha afirma que o pessoal da Rede Vida considera o XV um clube grande e que, sonha um dia narrar uma primeira divisão do Campeonato Paulista.

Na cidade, também existe o SBT regional, que não transmite o futebol

3.11 Beto Gigliotti: vice-presidente e radialista

A empresa Gigliotti Seguros é conhecida no estado de São Paulo e seu proprietário reside em Barra Bonita. Luiz Alberto Gigliotti, 44, empresário, radialista e dirigente de futebol. Tarefas que cabem a quem gosta de se aventurar e dar a cara a bater no esporte que exige comprometimento e paixão dos personagens que estão no meio.

Beto começou a torcer pelo XV na década de 1980 e já ajudava o XV com o patrocínio de sua empresa desde 1993. Em 2006, inaugurou o museu Fiori Gigliotti na sede que fica em Jaú. Na época, Fiori foi pessoalmente ao local e participou do jantar de inauguração.

Desde 2008, Beto está na diretoria do XV, como um dos vice-presidentes, a convite do atual presidente José Construtor. Questionado sobre a atual situação do clube, o dirigente fala que as contas estão em dia, o futebol profissional parado e que promete um time forte para a Série A 3 do futebol paulista em 2010, ano em que termina seu mandato junto da atual diretoria com a possibilidade de reeleição por mais dois anos.

Para deixar claro aos leitores, o locutor José Maia criticava a diretoria anterior e atualmente critica essa também pela péssima campanha feita nesse ano em que o XV quase caiu para a quarta divisão do Paulista.

Essa aproximação com o futebol começou através do Rádio, em 2000 na Cultura regional de Dois Córregos. Beto era comentarista e depois começou a narra campeonatos regionais.

Passou pela Rádio emissora de Barra Bonita, Rádio Piratininga de Jaú, em 2005, quando o XV foi campeão sub 20 da primeira divisão, contra o Santos, dentro da Vila Belmiro, e em 2006, quando subiu para a segunda divisão. No momento,

está no terceiro ano da Tropical FM de Jaú e na Rádio Canoa Grande, em que transmite os jogos simultaneamente.

A Tropical transmite desde 2002 com José Maia e, segundo Gigliotti, a audiência da FM é boa.

A relação de dirigente e locutor é boa, diferentemente do que aconteceu com o radialista e presidente do Flamengo, Kleber Leite. Beto tem o apoio da maioria e considera que o Jornal Comércio do Jahu ainda movimenta o esporte, além da televisão, apesar de todas as dificuldades com locomoção e gastos dela com equipamentos nos estádios do interior paulista.

A TV Tem segundo Beto, considera o XV importante para o futebol e tem em Amanda Tromboni sua representante de Jaú. Na Rede Vida, Fiori Gigliotti promoveu muito o XV na emissora através do programa Caminhos do Esporte.

O ponto mais interessante levantado por Luis Alberto diz respeito à importância dos veículos de comunicação nacionais. “A Rede Vida transmitiu 2 jogos esse ano, a tv coloca os patrocinadores em evidência para o Brasil. Com isso, o clube cativa e faz com que o patrocinador renove para que sua marca esteja em evidência pra todo o país”.

Por último analisou a atual situação do futebol do interior: “O futebol do interior está complicado e quase falido. Eu aposto que outros clubes como Novorizonto e Paraguaçuense vão acabar. O futebol vive de pessoas apaixonadas, João Brandão ex-dirigente e Zé Construtor colocaram dinheiro do próprio bolso para ajudar. Quando esses apaixonados saírem de cena, o bicho vai pegar. A maior culpada de todo esse mal é a Lei Pelé”

MEU PONTO DE VISTA SOBRE O JORNALISMO ESPORTIVO EM JAÚ

O pioneirismo sempre foi à marca forte na cidade de Jaú, primeiro o jornal impresso, depois o rádio, em seguida, dois canais de televisão. Na região a cidade se destaca em termos de cobertura de imprensa tanto no futebol quanto em outros esportes.

Além disso, locutores famosos e de qualidade passaram pelo microfone da cidade. José Maia é o porta voz da atual imprensa que leva o nome de Jaú na Rádio Bandeirantes de São Paulo através de sua narração.

Os pontos negativos ficam para a transmissão dos canais de televisão pela qualidade da imagem e de alguns profissionais. Um dos canais deu um tempo com o futebol, o outro busca renovação e melhorias. A internet é a pior baixa. O XV de Jaú não possui um portal atualizado e no site www.futebolinterior.com.br não existe colunista para cobrir o dia – a – dia do clube.

Curiosamente o rádio é o meio de maior repercussão na cidade e que melhor faz o esporte. O jornal O Comércio acaba se tornando um resumo daqueles bem batidos devido à cobertura radiofônica. Vanthier Mantovaneli é o locutor de maior destaque e junto da equipe da Rádio Jauense é o campeão de audiência. Até Fiori Gigliotti, mesmo que por um jogo, já passou pelo microfone da Jauense.

Tal relato foi um breve ponto de vista da minha parte, acredito que precisa de algumas melhorias como: melhor cobertura de alguns esportes e uma renovação em alguns setores da imprensa que como em todo lugar perdem qualidade.

O cenário virtual é o que mais pede socorro pela falta de divulgação e o XV de Jaú necessita urgente de uma melhor equipe de assessoria, para isso, precisa obter recursos para formar uma equipe de respeito dentro e fora das quatro linhas.

REFERÊNCIAS

- BARBEIROE, H. RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo**. Ed. 1. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- COELHO, P. V. **Jornalismo esportivo**. Ed. 1. São Paulo: Editora contexto, 2003.
- MATTIUSI, P. **Osmar Santos, o Milagre da Vida**. Ed. 1. São Paulo: Editora Sapienza, 2004.
- RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo- Histórias da imprensa esportiva no Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.
- SOARES, E. **Bola no ar- A história do Rádio Esportivo em São Paulo**. V. 1. São Paulo: Editora Sumus.
- WILLIAM, W. **Olho no lance: Silvio Luiz**. ed 1. São Paulo: Editora Best Seller, 2002.
- AMARAL, Luís. **Técnica de Jornal e Periódico**. 2ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- BUCCI, Eugênio. **O Brasil em Tempo de TV**. São Paulo: Biotempo Editorial, 1996.
- COSTA, Márcia Regina da (org.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa, 1999.
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva**. In TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & MARQUES, José Carlos. **O Futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003..
- MELO, José Marques de. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.